

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA ADOLESCENTES?

CURITIBA

2017

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA ADOLESCENTES?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Stoltz

CURITIBA

2017

Dedico este trabalho a todos os adolescentes que estão dispostos a enfrentar os desafios da transição, deixando com que as emoções alimentem a imaginação, favorecendo o autodesenvolvimento e a busca por um mundo melhor. Ouvir histórias pode ser um caminho suave e esclarecedor para todos aqueles que buscam o verdadeiro eu.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus pela vida, pela família e pelas oportunidades.

À professora Dra. Tânia Stoltz pelo comprometimento, orientação e confiança.

Ao meu esposo pela força, companheirismo e amor.

Ao meu filho pelo amor, dedicação e carinho.

Às contadoras de histórias Lídia, Anete, Beth Ceccato, Cleuza e Luiza pelas lindas histórias, amizade e amorosidade.

Aos adolescentes que aceitaram participar desse trabalho meu respeito e eterna gratidão.

À Elo Social, em especial à Sarita e aos professores, que acompanharam o trabalho de forma participativa e com entusiasmo.

Às colegas Cristiana, Magda e Paula pela disponibilidade e paciência, muita gratidão.

RESUMO

A contação de histórias é uma prática muito difundida na educação infantil, com resultados significativos quanto ao desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, sendo enriquecedor para o acesso ao universo literário. Contudo, observa-se que no ensino fundamental e médio essa prática tem pouca ou nenhuma expressividade, não fazendo parte integrante do contexto escolar. A pesquisa investigou a percepção de adolescentes sobre a contação de histórias no desenvolvimento na adolescência. Participaram do estudo 31 adolescentes, menores aprendizes, com idades de 15 a 19 anos, residentes em Curitiba e região. Trata-se de estudo misto, quantitativo e qualitativo, com coleta de dados a partir dos instrumentos: questionários, rodas de conversa, desenho, diário de campo e grupo focal, a partir da questão: Para você, como foi participar das rodas de contação de histórias? Os dados coletados nos questionários envolvendo questões fechadas foram analisados quantitativamente por meio do pacote computadorizado StatisticalPackage for the Social Science (SPSS). Os dados do grupo focal e as perguntas abertas dos questionários, bem como os diários de campo passaram por análise de conteúdo, considerando Aguiar e Ozella (2006). A análise do desenho considera: o motivo desenhado e os sentimentos expressos em relação a ele. Foram encontrados dois núcleos de significação: a imaginação motivada pelas oportunidades e a imaginação, as emoções e a reflexão na organização do si mesmo. A partir do estudo, há indicativos de que a contação de histórias, mediada pelas relações sociais e a literatura, favorece o desenvolvimento de adolescentes, despertando no ouvinte não só aspectos cognitivos e linguísticos, mas também afetivos que podem mudar a maneira de pensar e encarar a vida.

Palavras-chave: contação de história; adolescente; afetividade; cognição; desenvolvimento.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – IDADE DOS PARTICIPANTES.....	34
FIGURA 2 – ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES.....	34
FIGURA 3 – PARTICIPAÇÃO EM RODAS DE HISTÓRIAS.....	36
FIGURA 4 – GOSTA DE OUVIR HISTÓRIAS.....	36
FIGURA 5 – HÁBITO DE LER.....	38
FIGURA 6 – INTERESSE POR HISTÓRIA.....	38
FIGURA 7 – LEITURA E AUTO PERCEPÇÃO.....	40
FIGURA 8 – OUVIR HISTÓRIA E AUTO PERCEPÇÃO.....	40
FIGURA 9 – EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO.....	42
FIGURA 10 – INTERESSE EM NOVAS RODAS.....	42
FIGURA 11 – AMPLIAÇÃO DE CONHECIMENTO.....	43
FIGURA 12 – RECOMENDA AOS AMIGOS.....	43
FIGURA 13 – MUDANÇAS A PARTIR DA CONTAÇÃO.....	45
FIGURA 14 – CORAÇÕES.....	55
FIGURA 15 – PENSAR.....	55
FIGURA 16 – ICEBERG.....	56
FIGURA 17 – ÁRVORE.....	56
FIGURA 18 – REFLEXÃO.....	57
FIGURA 19 – RODA DE HISTÓRIAS.....	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1	A ADOLESCÊNCIA.....	12
2.2	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	20
2.2.1	GÊNEROS LITERÁRIOS.....	24
2.2.1.1	Contos de fada.....	25
2.2.1.2	Mito.....	27
2.2.1.3	Fábula.....	28
3	MATERIAL E MÉTODO	29
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1	ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIO.....	33
4.2	ANÁLISE DO GRUPO FOCAL, DIÁRIO DE CAMPO E RODA DE CONVERSA.....	46
4.3	ANÁLISE DOS DESENHOS E SENTIMENTOS.....	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO INICIAL	65
	APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO FINAL	66
	APÊNDICE 3 – TCLE	67
	ANEXO 1 – POEMA	70
	ANEXO 2 – HISTÓRIAS CONTADAS	71

1. INTRODUÇÃO

A revisão literária sobre a contação de histórias demonstra ser uma prática normalmente aplicada ao público infantil como entretenimento e também com o propósito do desenvolvimento emocional, cognitivo e social na infância. (SCHERER, 2012; CHESINI; CRESTANI; SOUZA, 2013).

A leitura e a contação de histórias, na educação infantil, têm a intenção de despertar o interesse pela leitura e conduzir a criança ao mundo literário, bem como tratar de conceitos relevantes nessa fase da vida com maior leveza. (QUEIROZ; MACIEL, 2014; PASTORELO; ANGELO; TORRES, 2015).

Preservar a sabedoria humana por meio da arte de contar e ouvir histórias promove a restauração e a preservação de conhecimentos e princípios de diferentes povos e culturas. Pesquisas têm relatado que a prática da leitura e contação de histórias em fases iniciais favorecem o desenvolvimento da leitura e da escrita com a expectativa de construir futuros leitores. (QUEIROZ; MACIEL, 2014).

Se na infância os resultados da leitura e contação de histórias são tão significativos, será que os adolescentes também se beneficiam de forma semelhante das narrativas apresentadas pelos contadores de histórias? Por que razão as histórias deixam de fazer parte do cotidiano na adolescência? As histórias trazem algum benefício para os adolescentes? Os adolescentes não gostam de ouvir histórias ou sentem vergonha de dizer que gostam?

A adolescência é um período de muitas transições, questionamentos, perdas, escolhas, oportunidades e experiências, entre outros, que provocam no indivíduo reações diferenciadas, intempestivas, de insatisfação consigo mesmo e com o outro. Aberastury e Knobel (1982). Atitudes agressivas e inesperadas podem fazer parte dessa fase da vida, sendo denominada pelos adultos como “aborrecência”, inconsequência e indisciplina, fase da esquisitice e do isolamento, transformando o adolescente em um ser anormal, diferenciado de todos. (Aberastury; Knobel, 1982).

Vigotski relatam Barbosa e Souza (2015, p. 259), defende uma concepção de adolescência que rompe com este paradigma, considerando-a como “construção que tem o social como fonte e que se define como idade de transição, com características singulares”.

Assim, temos uma expressão biológica – “puberdade”, a qual se associa gatilhos; e uma expressão social/ cultural – da adolescência, expressões essas que se correlacionam.

O adolescente deixa de ser a criança que deve seguir rigidamente as normas estabelecidas pelos adultos e passa a ser aquele que buscará contrapor a tudo e a todos, a fim de definir dentro de si suas próprias escolhas. Para tais experiências acontecerem utilizará o apreendido no social, observando e se identificando ou não com o que está acontecendo ao seu redor. (VIGOTSKI, 1989).

A imaginação sofre relevante transformação, sendo significativas as conexões que o adolescente tem capacidade de desenvolver. Favorecido pelas vivências, memórias e capacidade de apreender rapidamente novos conhecimentos, o adolescente utiliza as imagens que povoam seu inconsciente e que transformarão suas opiniões e modos de viver. (MONTEZI; SOUZA, 2013).

Pressupõe-se que a contação de histórias pode ser um percurso significativo e prazeroso para a ampliação de conhecimento e de consciência do adolescente, possibilitando lidar com as vivências inconscientes, bem como com conceitos e questionamentos que fazem parte de sua realidade objetiva, desenvolvendo o seu pensar, sentir e agir.

Considera-se significativo o trabalho realizado em grupo e a sua importância social, em que um mediador transmite oralmente as histórias contidas nos livros, compartilhando emoções, gestos e pausas, criando vida e encanto à narrativa, oportunizando a viagem do ouvinte por tempos e espaços jamais percorridos.

Compreendemos que a leitura possui um efeito libertador, pois aquele que lê, mergulha no livro, envolve-se a ele e o único limite será a imaginação do próprio leitor. É por meio da leitura que se tem uma visão do mundo, que se formula hipóteses, forma-se o senso crítico e constrói-se conhecimentos. (PASTORELO; ANGELO; TORRES, 2015, p. 8)

Muitas áreas, como a psicologia, a educação e a saúde (QUEIROZ; MACIEL, 2014; PASTORELO; ANGELO; TORRES, 2015), sustentam a importância da literatura como elemento significativo na formação humana, para o desenvolvimento emocional, afetivo e cognitivo, contribuindo na aquisição de novos conhecimentos e na análise crítica, ou seja, o leitor adquire maiores subsídios para defender ideias e pontos de vista.

Considerando Queiroz e Maciel (2014, p.26), “formar leitores autônomos e críticos exige o desenvolvimento de diferentes habilidades ao longo dos anos”; a contação de histórias pode conciliar conhecimentos de diversas culturas, proporcionando ao ouvinte a amplificação de conceitos cognitivos e linguísticos, bem como a estruturação de questões afetivas e novas maneiras de encarar a vida.

Conservando as origens dos contos, fábulas, mitos, entre outros, temos a possibilidade de adentrar em conteúdos importantes que podem ajudar os diferentes públicos a ampliar a compreensão de temas variados. Portanto, a literatura conserva em seu bojo conceitos de extrema importância para o desenvolvimento humano, independente da idade, sexo, etnia, condição socioeconômica, saúde e cultura.

Observa-se que a contação de histórias é uma prática muito difundida na educação infantil, tendo resultados significativos quanto ao desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. (QUEIROZ; MACIEL, 2014). Contudo, nota-se que no ensino fundamental e médio essa prática tem pouca ou nenhuma expressividade, não sendo parte integrante do contexto escolar.

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar a percepção de adolescentes sobre a contação de histórias na adolescência.

As perguntas norteadoras deste trabalho são as seguintes:

- 1) A contação de histórias é indicada para os adolescentes?
- 2) O adolescentes se interessam e tiram proveito das rodas de contação de histórias? De que forma? Quais os interesses?
- 3) A prática da contação de histórias auxilia no interesse pela leitura?
- 4) Que tipo de histórias despertam a curiosidade e a atenção dos adolescentes?
- 5) O desenvolvimento cognitivo e emocional dos adolescentes apresenta avanços a partir da contação de histórias?
- 6) Os adolescentes gostam de ouvir histórias?
- 7) A contação de histórias possibilita a expressão dos sentimentos dos adolescentes?

Assim buscamos compreender se a contação de histórias pode ser inserida e aceita no contexto do ensino não formal para adolescentes, especialmente para auxiliar no seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

É sabido que a oportunidade de trabalhar com diferentes habilidades no contexto escolar é um fator decisivo para o desenvolvimento e aprimoramento do indivíduo ao longo dos anos. (MONTEZI; SOUZA, 2013). Assim, a contação de

histórias pode favorecer o acesso a diferentes obras literárias, ampliando o repertório e a compreensão do leitor sobre temas variados, despertando o interesse pela leitura e, conseqüentemente, o desenvolvimento de formar leitores autônomos e críticos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A ADOLESCÊNCIA

A adolescência tem sido objeto de estudo dos pesquisadores, que atraídos pela sua natureza intermediária entre a infância e a idade adulta, debruçam-se sobre teorias e definições que os incitam a pesquisar e buscar uma compreensão mais objetiva desse período da história de vida do ser humano.

Num primeiro momento, vamos à origem da palavra adolescência descrita por Ferreira (1968, p. 29) “como o período da vida do homem entre a puberdade e a virilidade (dos 14 aos 25 anos)”.

Amorin e Bilotta (2014, p. 51) relatam que o termo adolescência é descrito por Pereira como tendo sua “origem no substantivo latino *adollacentia*”, que significa “crescer” ou “crescer em direção a maturidade”. O autor relata que na psicologia do desenvolvimento, o conceito de adolescência refere-se a um período de transição entre a infância e a idade adulta, enfatizando-o como um processo em que acontecem mudanças psicológicas.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, sob a Lei n. 8069 de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990), é considerado adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos de idade e para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), a adolescência compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. Como podemos observar, há uma pequena diferença nas idades em que cada órgão compreende a fase da adolescência, havendo aí já um indício de que é uma fase que gera dualidade de opiniões, controvérsias e pontos de vista diferenciados. A literatura também traz esses aspectos ao longo da história como podemos observar ao longo do texto.

Historicamente, considerando Ariès (1986), o conceito de adolescência surge no século XVIII e ganha maior destaque no século XX, graças à transformação social, ou seja, às constantes mudanças do conceito de família e de infância que surgiu na modernidade.

A teoria da adolescência tem uma longa trajetória que passa por Hall (apud GALLATIN, 1978) que a descreve como um período de “tempestade e tormenta”, conceito de tanto impacto que ainda reverbera em nossos tempos. Tem destaque também em Erikson (apud Gallatin, 1978, p.16) “que fala da aquisição de um sentido

de identidade pessoal”, mas que podem ter sentidos diferenciados de acordo com as sociedades e contexto histórico. Gallatin (1978, p.15) ainda argumenta que, segundo Erikson, “durante a adolescência, o jovem de alguma forma integra o que ele aprendeu a respeito de si mesmo, durante a infância, tendo ainda uma consciência crescente do próprio destino”.

Da mesma forma, Aberastury e Knobel (1982, p. 9) investigam com muito interesse os motivos que podem desencadear a famosa crise da adolescência, conduzindo pesquisas importantes nesse momento da vida humana. Argumentam que para os adolescentes adentrarem no mundo dos adultos precisam viver três “lutos” fundamentais: “pelo corpo infantil perdido”, aspecto que sobressai na adolescência, no qual o indivíduo não tem controle, sendo esse um aspecto também biológico; “pelo papel e identidades infantis”, momento em que é necessário renunciar a dependência e ser responsável por suas atitudes ainda que não se sinta preparado; e “pelos pais da infância”, muitos relutam em deixar a proteção dos pais, às vezes, motivados pelos próprios pais que sentem dificuldade em lidar com a autonomia dos filhos e de encarar o próprio envelhecimento, estando esses aspectos muito relacionados ao desenvolvimento psicológico do adolescente.

Essa partida sem volta rumo ao processo evolutivo em que o adolescente é levado a estabelecer novas relações interpessoais, principalmente com os pais, revela aspectos de instabilidade emocional, contradições, ambivalência e dor, o que os autores Aberastury e Knobel (1982, p.9) denominam como “síndrome da adolescência normal”.

A despedida da infância e o ingresso no mundo adulto também geram ansiedade e angústia naqueles que estão próximos. Os pais, que tentam de alguma maneira limitar e reprimir as atitudes dos jovens, tendo como consequência à ampliação dos conflitos. A dificuldade do adolescente em lidar com essa nova realidade e a percepção de não ser compreendido, o afasta ainda mais das relações familiares.

Estas mudanças, nas quais perde a sua identidade de criança, implicam a busca de uma nova identidade, que vai se construindo num plano consciente e inconsciente. O adolescente não quer ser como determinados adultos, mas em troca, escolhe outros como ideais; vai se modificando lentamente e nenhuma precipitação interna ou externa favorece este trabalho. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 14)

A busca pela nova identidade pode ser ainda mais conflitante quando não há identificação pela forma de ser dos pais e o desejo é ser alguém muito diferente deles. Tais sentimentos e atitudes podem gerar nos genitores grande insatisfação, acompanhada de um processo de culpa e negação, que “favorecerão ou dificultarão o abandono de sua auto-imagem infantil e projeção no futuro de sua vida adulta”. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 26).

Ainda considerando estudiosos da psicologia, Oliveira e Hanke (2017) relatam que Freud também discorre em sua obra, sobre essa fase da vida, mas tem preferência por utilizar o termo puberdade em detrimento de adolescência. Os autores argumentam que é incompatível com a obra Freudiana nomear essa fase da vida, pois o inconsciente não leva em conta uma idade cronológica, não havendo tempo estabelecido para concluir o desenvolvimento humano. (OLIVEIRA; HANKE, 2017).

Quando Freud fala de uma fase do desenvolvimento humano, qualquer que seja ela, ele não está se referindo a um acontecimento natural com previsão para concluir. Pelo contrário, o que Freud sempre ressaltou foi que uma das principais dificuldades do aparelho psíquico é abandonar um modelo de funcionamento em benefício de outro. Isso indica que sempre há um resto insuperável no psiquismo humano que não passa com o avançar dos anos. [...] Nesse sentido, o sujeito, tal como apreendido na psicanálise, não tem idades. (OLIVEIRA; HANKE, 2017, p. 298)

Outra concepção de desenvolvimento dessa fase da vida compreende a adolescência levando em consideração os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural que a considera um aspecto social, que contempla os aspectos biológicos e psicológicos, mas sem deixar de lado o contexto social no qual o adolescente está inserido.

Para melhor compreendermos a Psicologia Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 1989, p. 26), Luria relata que Vigotski “nomeava o seu estudo de psicologia cultural”, por estar envolvido aos meios socialmente estruturados, tendo a linguagem um papel significativo na organização e desenvolvimento dos processos de pensamento; “psicologia histórica que se funde com a cultural”, pois carrega a fonte do conhecimento humano, em que a sabedoria do passado é analisada no presente e tem seu aperfeiçoamento no futuro; “psicologia instrumental, diz respeito à base que concilia as funções psicológicas complexas, chamadas também de funções superiores”. Esses aspectos são aplicáveis ao ser humano desde o nascimento,

pois, inicialmente, os bebês são dominados pela herança biológica, mas por meio da interação e mediação dos adultos, processos psicológicos mais complexos se estruturam. Tais processos são nomeados como intersíquicos, que são partilhados entre pessoas, e, posteriormente, com o crescimento da criança esse processo passa a ser executado dentro da própria criança. Vigotski enfatiza que:

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigida a objetos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VIGOTSKI, 2010, p. 40)

Dessa forma, o papel do outro é imprescindível na relação e na construção do conhecimento humano, em que as vivências e experiências são apreendidas por meio da cultura. Barone, Castanho e Martins (2011) relatam que para Vigotski é nessa interação do indivíduo com o outro mais experiente que o homem organiza seus próprios processos mentais, sendo esse o conceito de mediação.

O processo de internalização das formas culturalmente dadas de funcionamento psicológico é, para Vigotski, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. (OLIVEIRA, 1992, p. 79).

As pesquisadoras Barone, Martins e Castanho (2011) compreendem esse processo de internalização descrito por Vigotski como aquele que organiza a subjetividade, por meio de situações intersubjetivas, ou seja, essa construção acontece nas relações interpsicológicas (social) internalizadas por intermédio do convívio social e assim o ser humano consegue construir um plano intrapsicológico (individual).

Portanto, é o percurso do nível interpsicológico para o intrapsicológico que permite a apropriação, a singularidade, pois é esse movimento “de fora para dentro” que possibilita a construção de sujeitos únicos, por meio de vivências individuais na relação com os outros, com o mundo. (BARONE; MARTINS; CASTANHO, 2011, p. 168).

Barbosa e Souza (2015, p. 259) relatam que a adolescência é compreendida por Vigotski como “idade de transição, período em que ocorre o desenvolvimento da

autonomia e da autoconsciência do ser humano, momento em que acontece uma grande evolução dos processos psíquicos”. Os autores destacam que há nesse período uma evolução qualitativa das funções psicológicas que modificam o modo de pensar e agir. Vigotski (2012, p. 48) conclui “que a aparência de novas nuances, uma maior especificação e o emprego consciente são o que diferencia o pensamento na idade de transição do pensamento da criança”.

Na adolescência, as funções psicológicas, pela mediação do social, se reestruturam, formando novos nexos e evoluindo para modos de funcionar mais complexos. A partir de então, tem-se uma nova formação psíquica, que possui suas próprias leis, como resultado do desenvolvimento social do sujeito. (BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 259)

Pesquisadores como Bock, Ozela e Aguiar (apud. BARBOSA; SOUZA, 2015), argumentam sobre a importância de estudos na psicologia que abordem a adolescência e o contexto social, pois não a compreendem como uma fase natural do desenvolvimento humano, ressaltada, principalmente, pelos episódios de rebeldia e necessidade de chamar a atenção, como é erroneamente interpretada pelos adultos.

Na adolescência, argumenta Leontiev (VIGOTSKI, 1989), diferentemente da infância, a trajetória do desenvolvimento da vida e da consciência ainda que também esteja associada a uma inclusão social limitada, dá ao adolescente a possibilidade de ter acesso a novas responsabilidades. Favorecido pelos conhecimentos adquiridos, capacidade física e novas habilidades, o adolescente se sente em certa igualdade com os adultos, podendo em algumas situações ser até superior. Essa fase é, portanto, marcada por grandes mudanças, mas não devemos confundir essas modificações como um período “difícil e passageiro”, conclui Barbosa (2012, p. 45).

A consciência, considerada por Vigotski a essência da psique humana, na transição para a adolescência, pondera Leontiev (VIGOTSKI, 1989, p. 62), “é marcada pelo crescimento de uma atividade crítica em face das exigências do comportamento e das qualidades pessoais dos adultos, e pelo nascimento de novos interesses que são pela primeira vez, verdadeiramente teóricos”. É o momento em que surge a necessidade de conhecer não só a realidade mais próxima, mas também o que está nas imediações, a fim de ampliar essa realidade.

O contexto já lhe atribui algumas responsabilidades, possui certa independência, o vínculo de amizade aumenta, dentre outros tantos fatores que possibilitam ao adolescente novas vivências, que antes eram impossíveis, pois a situação social de desenvolvimento era distinta. (BARBOSA, 2012, p. 46)

Inicialmente parece não ter diferença nas relações sociais estabelecidas pelo adolescente, em detrimento da infância, mas ao ingressar no mercado de trabalho, “sente-se orgulhoso e satisfeito, ocupa agora um novo lugar, sua vida adquiriu novo conteúdo e passa a compreender o mundo de outro jeito”, argumenta Leontiev, em Vigotski (1989, p. 78). Não obstante, esse estágio alcançado não determina o desenvolvimento da psique, mas sim a sua própria vida e o desenvolvimento dos processos existentes nela, estando relacionado às condições de vida e o contexto social no qual está inserido. Leontiev relata que:

As mudanças observadas nos processos da vida psíquica da criança dentro dos limites de cada estágio, não constituem linhas independentes de desenvolvimento de processos separados (percepção, memória, pensamento), estando, portanto, ligados entre si. (VIGOTSKI, 1989, p. 78).

Vigotski (2012) nos fala que a formação de conceitos tem início na primeira infância, mas as funções intelectuais mediadas pela formação da base psicológica, só amadurecem, tomam forma e se desenvolvem durante a puberdade. Esse é outro aspecto muito discutido por Vigotski (2012), pois alguns autores argumentam que no período da adolescência onde se dá a maturação sexual não acontece nenhuma mudança intelectual que possa ser relevante em consideração à primeira infância. O teórico defende que com tantas mudanças que ocorrem em todo o organismo físico e psíquico, bem como as mudanças na vida social, esses de alguma forma interferem na construção da personalidade do adolescente, e, conseqüentemente, contribuem para o desenvolvimento intelectual (VIGOTSKI, 2012). Vigotski pondera que é na adolescência que as ideias começam a ser mais complexas, bem como as definições e os julgamentos passam a ter informações essenciais, procurando não se deixar levar pelas observações externas, como acontece na primeira infância. (2012).

Vigotski (2012), fundamentado em Rubinshtein, esclarece, portanto, que na adolescência os indícios do desenvolvimento mental devem seguir não somente os interesses e as novas exigências, mas também garantir o aprofundamento e a

ampliação dos aprendizados antigos, considerando a faixa etária e a extensão dos interesses vitais. Conclui seu pensamento dizendo que:

Todos os cientistas que negam o surgimento de novas formas de pensamento na idade de transição concordam, no entanto, em afirmar que o conteúdo desse pensamento, o material com o qual ele opera os objetos aos quais é dirigido, tudo isso passa por uma verdadeira revolução. (VIGOTSKI, 2012, p. 51)

É, portanto, no período da adolescência que a formação de conceitos está no centro do desenvolvimento do pensamento, período em que acontecem as verdadeiras mudanças no conteúdo e no modo de pensar. A formação de conceitos tem grande importância, pois permite ao adolescente entrar em contato com sua realidade interna e suas próprias vivências. (VIGOTSKI, 2012).

O surgimento do pensamento lógico também tem destaque na adolescência, proporcionando a tomada de consciência, a regulação e o domínio das operações mentais. As mudanças no seu modo de pensar têm estreita relação com a socialização e a verbalização dos pensamentos como descreve Vigotski:

É com base na linguagem que se formam complexos processos de regulação das próprias ações do homem – embora no início a linguagem seja uma forma de comunicação entre o adulto e a criança, a linguagem vai assim gradualmente se transformando em uma forma de organização da atividade psicológica humana. (VIGOTSKI, 2000, p.146)

O adolescente também tem ampliada a possibilidade de acessar novas formas de cultura, como exemplo as artes, novas religiões, diferentes formas de viver e entender o mundo, bem como adentrar em conteúdos científicos, normas éticas, fatos sociais e políticos, a fim de compreender a própria existência. (GÓES; CRUZ, 2006).

Outra função psicológica que tem destaque na adolescência e que se vincula ao pensamento por conceitos é a imaginação, sendo esta muito favorecida pela linguagem que possibilita compartilhar as impressões imediatas. A escola tem papel significativo no processo imaginativo, pois possibilita um pensar mais minucioso sobre algo imaginado pela criança (VIGOTSKI, 1998).

A imaginação é fundamental no alcance de um nível elevado de pensamento, porque torna possível operar com imagens que não estão na realidade percebida. Nenhuma cognição acurada da realidade é possível sem certo elemento de imaginação e, por outro lado, a criação artística e a

invenção demandam a participação tanto da imaginação quanto do pensamento realista. Esse pensamento implica, sim, operações da lógica e da racionalidade; todavia o desenvolvimento humano abrange ao mesmo tempo a ação criadora, que possibilita a produção artística, científica e técnica. (GÓES; CRUZ, 2006, p. 42)

A atividade da imaginação é rica em aspectos emocionais, estando estreitamente ligada ao movimento dos nossos sentimentos.

Para Vigotski, imaginação ou o ato criador tem como base a experiência do sujeito com a realidade, já que a imaginação é histórica. Entretanto, o ato criador não se refere à reprodução de experiências, mas à combinação de seus elementos, em que se cria o novo. (BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 260)

Assim, a imaginação é entendida por Vigotski (1998) como uma função psicológica superior e classificada em quatro formas de como funciona em suas relações com a realidade.

Considerando Barbosa e Souza (2015, p. 258), primeiramente, a imaginação se apóia em questões apreendidas da realidade e presentes nas vivências anteriores do indivíduo, ou melhor, quanto mais ricas as experiências, mais conteúdos estarão disponíveis à sua imaginação. Outra forma está vinculada à harmonização entre o resultado final da fantasia e um fenômeno complexo da realidade, pois o indivíduo não se limita às vivências passadas, busca criar novas estratégias. O caráter emocional é outra forma da imaginação se confrontar com a realidade, à medida que todo sentimento e emoção tende a se entrelaçar com imagens conhecidas e afetivas, assim, os conteúdos emocionais são os responsáveis por selecionar impressões, ideias e imagens relacionadas a um determinado momento. Por fim, outra relação entre a imaginação e a realidade tem como essência a construção da fantasia como algo inusitado, sem que haja direta relação com experiências anteriores do indivíduo ou objeto da realidade. Mas à medida que esse material toma forma, diz Vigotski (2009, p. 48) essa “imaginação cristalizada começa a existir realmente no mundo e influir sobre outras pessoas”. O autor esclarece que nesse momento acontece uma intensa reestruturação da imaginação, pois de “subjetiva ela se transforma em objetiva”. (MONTEZI; SOUZA, 2013, p. 79).

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a imaginação se manifesta na infância por meio do desenho, já na adolescência tem destaque à criação literária muito estimulada pela “ascensão das vivências subjetivas, pela ampliação e pelo

aprofundamento da vida íntima do adolescente, de tal maneira, que nessa época constitui-se nele um mundo específico”. (VIGOTSKI, 2009, p. 49).

Os elementos básicos do processo de criação artística em nada diferem, a não ser pela tensão quantitativa, de qualquer outro ato mental. Todo o impulso no aparelho psíquico do homem, o mínimo deslocamento na cadeia de pensamentos e sentimentos é um ato de adaptação social do indivíduo, uma manifestação da sua luta social pela autopreservação. Só um estado de incômodo social provoca mudança no aparelho psíquico. O bem estar absoluto o mergulharia em um sono profundo. (VIGOTSKI, 2010, p. 460)

Vigotski (2001) explica que a arte, em especial a música e a poesia, surge como forma de aliviar a tensão do trabalho pesado, à medida que os trabalhadores expressavam o cansaço e a insatisfação nas rimas e melodias. Assim, a arte, tem a possibilidade de atuar no social de forma a organizar e sistematizar o seu modo de ser e atuar, dando vazão à tensão angustiante, sendo “um forte instrumento na luta pela existência”. (Vigotski, 2001, p. 310).

A verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implica o algo a mais acima daquilo que nelas está contido. E se algo supera os sentimentos, elimina esses sentimentos, transforma a água em vinho, assim se realiza a mais importante missão da arte. (VIGOTSKI, 2001, p. 307)

Para Vigotski (2001, p. 308), a princípio o sentimento do artista é individual, contudo, à medida que a obra de arte se revela, torna-se social, mas muito ainda permanece dentro do indivíduo, pois não é possível transformar toda a quantidade de estímulos adquiridos em suas vivências, ficando muito ainda por realizar.

Conclui-se que a adolescência é tema muito discutido por vários teóricos. Na pesquisa utilizaremos os conceitos da Psicologia Histórico-Cultural que compreende a adolescência como um período de muitas mudanças em que se dá a formação de conceitos, mediada pela imaginação, rica em aspectos emocionais. O aparecimento de novas possibilidades e uma atitude mais consciente proporciona o crescimento da atividade crítica e o desenvolvendo de uma nova identidade.

2.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A arte de contar e ouvir histórias revela a sabedoria humana, transmitida oralmente, resgata pensamentos e ensinamentos de diferentes povos e culturas. Ao

longo do tempo as histórias foram se eternizando, deixando marcas, vivências e aprendizados para as novas gerações, uma linguagem universal.

A leitura tem seu poder de sedução, possibilitando ao leitor entrar no solo sagrado onde às histórias acontecem, onde o tempo não é medido cronologicamente, mas é um tempo ao qual o leitor é lançado e pode viver ali a magia. Assim, o leitor tem a possibilidade de resgatar novas culturas e a própria história, podendo construir um novo olhar para as situações vividas e retornar modificado, assim como o herói volta renovado de sua trajetória percorrida ao longo da história.

Compreendemos que a leitura possui um efeito libertador, pois aquele que lê, mergulha no livro, envolve-se a ele e o único limite será a imaginação do próprio leitor. É por meio da leitura que se têm uma visão do mundo, que se formulam hipóteses, formam-se o senso crítico e constroem-se conhecimentos. (PASTORELO; ANGELO; TORRES, 2015, p. 8)

A contação de história tem um encantamento próprio, na qual contador e ouvinte criam uma intimidade, por meio das imagens que habitam as histórias e que percorrem o imaginário do contador, vestindo-se das emoções e das vivências pessoais deste para depois serem conduzidas por meio das palavras até o ouvinte. Ao receber a narrativa, o ouvinte tem a possibilidade de criar suas próprias imagens. Há então uma relação de troca que se estabelece entre contador e ouvinte, em que ambos têm a possibilidade de observar o outro. É nessa troca de aspectos individuais que acontece na interação social, que Vigotski (1989) diz que há o aprendizado e a possibilidade de desenvolvimento humano.

Barbosa e Souza (2013, p. 260) relatam que “na adolescência, o sujeito vivencia diferentes afetos e emoções que podem ser materializados via imaginação ou ato criador”. Assim, as situações do conto podem ser recuperadas e vividas pela imaginação dos ouvintes por meio da criação de imagens individuais, mediadas por vivências internas e externas.

As histórias nos mostram como é que processamos os conflitos da infância, da adolescência, os grandes problemas da existência, e como a sabedoria popular resolve seus conflitos [...]. É como um quadro que você descobre, olha, contempla e que pouco a pouco vai se impondo, vai enfeitando, por assim dizer. Há como um encantamento que vem de sua linguagem mágica. (BONAVENTURE, 1992, p.12)

A literatura universal traz em seu bojo conteúdos que alimentam o mundo imaginário com uma riqueza de vocabulário que mobiliza o leitor a se apropriar desse conhecimento, o que lhe confere argumentos consistentes e claros em suas análises e exposições de ideias.

As experiências de leitura ganham força com textos literários, uma vez que elas orientam tanto para a aprendizagem da língua escrita quanto para o desenvolvimento do prazer de ler. “[...] quando a criança ouve histórias lidas por outro, ela também está lendo, e essa leitura é importante para o seu desenvolvimento como pessoa”. (QUEIROZ; MACIEL, 2014, p. 26)

Estudo mostra que a prática da leitura e contação de histórias em fases iniciais favorecem o desenvolvimento da leitura e da escrita, ampliando a possibilidade de conceber futuros leitores. (QUEIROZ; MACIEL, 2014). Por outro lado, pais contadores de histórias auxiliam a transformar seus filhos em futuros leitores.

Ouvir histórias possibilita a criança desenvolver suas habilidades linguísticas importantes para a fala/ linguagem, leitura e escrita. Além disso, permite que os laços afetivos se fortaleçam e que os momentos em família tornem-se saudáveis e prazerosos. Para os pais, a contação de histórias pode ser um momento ímpar de participação no desenvolvimento dos filhos e uma oportunidade de interação e diálogo. (SCHERER, 2012, p. 325)

A literatura tida como infantil muitas vezes é desprezada por adolescentes e adultos que sem conhecer a fundo o conto o rejeitam, a fim de mostrar que esse universo não tem importância ou significado que possa acrescentar em suas vidas. Abate (2017, p.5) argumenta que “os contos de fada, fábulas, mitos, entre outros, quando conservadas as suas origens, trabalham conteúdos significativos para todos os públicos, ampliando a compreensão do leitor sobre temas variados”. Assim, a literatura abriga conceitos importantes para o desenvolvimento humano, independente da idade ou cultura.

A contação de histórias para adultos é uma prática pouco explorada, sendo restrito o material encontrado na literatura. Há artigos que relatamos efeitos positivos das narrativas em ambientes hospitalares, asilos, casas de passagem, grupo de mulheres, entre outros públicos que de alguma forma estão à margem da sociedade. (MENEGHEL; IÑIGUEZ, 2007; MENEGHEL, 2010; COSTA, 2016).

Os trabalhos com público adulto têm o objetivo de promover autoconhecimento e ampliação de recursos internos para auxiliar na trajetória de tratamento ou de vida dos ouvintes, possibilitando pensar a própria essência sob diferentes óticas.

A arte de contar histórias pode ser usada nas práticas de saúde coletiva já que as narrativas são poderosos dispositivos de remodelação do passado segundo a ótica do presente, permitindo ressignificar experiências vividas, inclusive as de aflição e de adoecimento. (MENEGHEL, 2010, p. 2)

Em artigo publicado na área da ciência da informação e biblioteconomia, Brito, Vidal, Tavares e Vieira (2014) defendem a importância da discussão sobre formação de leitores e de mediadores de leitura. Constitui um momento de reflexão sobre as práticas e estratégias de incentivo ao gosto e ao hábito de ler, principalmente para aqueles que se graduam em áreas que necessitam da leitura e que são mediadores, quanto para a população em geral, em especial alunos de escola pública. As ideias desse trabalho estão fundamentadas na necessidade e importância da ação das universidades e suas bibliotecas no fomento da leitura como um ato prazeroso e essencial daqueles que vivem na sociedade da informação e do conhecimento. (BRITO; VIDAL; TAVARES; VIEIRA, 2014). A mediação da leitura está diretamente relacionada à contação de histórias, sendo também uma possibilidade de trabalhar a arte da narrativa.

Entende-se que independentemente da área de atuação profissional, o indivíduo necessita ter conhecimento e vivência cultural que farão diferença no seu modo de ser e existir no mundo, possibilitando uma compreensão crítica e respeitosa por outras culturas iguais ou diferentes da sua, propiciando o seu desenvolvimento como ser humano.

Há poucos estudos sobre a contação de histórias para adolescentes, mas podemos destacar um artigo que relata a experiência com adolescentes de 12 e 13 anos sobre os sentidos do respeito (BARBOSA; SOUZA, 2015). As autoras trabalharam com a contação de histórias seguida de discussão, associando também a produção de histórias orais e escritas pelos alunos. Os resultados indicaram que utilizar a contação de histórias foi uma forma positiva de mobilizar os alunos a falarem sobre a questão do respeito. Relataram “a contradição entre o investimento escolar para instituir o respeito por meio de suas regras e normas e a maneira como

solucionar os problemas nas relações escolares, que valoriza a punição e pouco promove a reflexão e o diálogo”. (BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 261).

Outro artigo relevante sobre a contação de histórias para adolescentes é o de Montezi e Souza (2013, p. 81) que relata uma experiência significativa com alunos de 6º. ano. O estudo investiga a “imaginação enquanto ferramenta para a configuração de novos sentidos pelos adolescentes em relação à escola, ao ensino e à aprendizagem”. As autoras relatam resultados positivos da contação de histórias e a importância de “investir na imaginação como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem e como meio de dar voz aos adolescentes, realizando uma educação em que o aluno é sujeito e protagonista de sua história”. (MONTEZI; SOUZA, 2013, p. 78).

Considerando Queiroz e Maciel (2014, p. 26), “formar leitores autônomos e críticos exige o desenvolvimento de diferentes habilidades ao longo dos anos”. A contação de histórias pode desvendar leituras de diversas culturas, despertando no contador e no ouvinte não só aspectos cognitivos e linguísticos, mas também afetivos que podem mudar a maneira de encarar a vida.

Como pudemos observar nos artigos citados, contar e ouvir histórias são possibilidades de transmitir atenção, respeito e falar sobre assuntos difíceis de serem abordados no dia a dia com diferentes grupos, sendo o início para muitos diálogos significativos na formação da personalidade e no desenvolvimento educacional e emocional dos participantes, entre eles, os adolescentes.

2.2.1 GÊNEROS LITERÁRIOS

Inicialmente sentimos a necessidade de buscar o significado da palavra literatura. Segundo Holanda (1986, p. 740), diz respeito “ao conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários”; é a ciência que estuda o conhecimento produzido “ao longo da história humana”, tais obras “se apresentam na forma oral ou escrita”.

A literatura oral constitui o conjunto das formas narrativas transmitidas pela tradição oral, que estuda as manifestações populares, conservada e transmitida através da palavra falada. Classificam-se como objetivo desse estudo: cantos, contos, fábulas, mitos, lendas, adivinhações, provérbios e parlendas, assim, como, danças, jogos e folguedos infantis. (SOSA, 1978, p.19)

Até o século XVIII, segundo Ariès (1986), os conteúdos da literatura oral destinavam-se a todos os indivíduos – adultos e crianças, sem distinção, pois a criança não tinha um papel social estabelecido, assim, participava das mesmas atividades, hábitos e divertimentos. Tinha acesso ao material literário de tradição oral, como contos, fábulas, mitos, lendas, jogos e danças, com o propósito de lazer e de receber explicações da realidade que não se compreendia. (Passerini, 2004).

Desse modo, a tradição oral tem suas raízes nas experiências sociais de diferentes povos e culturas. A sabedoria milenar transmitida por meio da literatura oral guarda riquezas da humanidade, de povos e culturas que deixaram grandes ensinamentos que foram se eternizando e são verdadeiras obras de arte e tesouros que podemos acessar por meio dos livros e da contação de histórias.

A palavra tem o poder de criar e destruir cada leitor ou ouvinte, munido de suas experiências vividas, tem a oportunidade de criar e recuperar imagens, aproveitando a narrativa em sua vida pessoal. Muitas lembranças pessoais podem ser resgatadas por meio das histórias milenares, tendo a possibilidade do leitor ou ouvinte sair transformado dessa experiência.

Bonaventure (1992, p. 9) argumenta que “as histórias falam da realidade do ser humano, de sua busca, de seus traumas e dificuldades ao lidar com os pais e filhos, do desejo, de ser herói, dos monstros que ele às vezes sente que tem de combater durante a vida”.

Nesse estudo temos o propósito de definir alguns gêneros narrativos que foram utilizados na pesquisa com os adolescentes, objeto das rodas de histórias, sendo: contos de fada, mitos e fábulas.

2.2.1.1 CONTOS DE FADA

É difícil especificar onde e quando surgiram os contos de fada, pois é fruto da imaginação dos homens que foram transmitindo suas narrativas oralmente de geração em geração. Entre os precursores na coleta dessas narrativas, encontra-se Perrault que registrava as histórias por meio da narrativa popular. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009). Entretanto, as adaptava e as florea de acordo com a necessidade da corte francesa da época (1628 - 1703), acrescentando e censurando detalhes da cultura pagã e da sexualidade humana, deixando explícita uma moral

que tinha como finalidade a orientação e o ensinamento do povo. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Considerando Passerini (2004, p. 69), os Irmãos Grimm coletaram os contos de fadas nas conversas com o povo; “resgataram esse tesouro ouvindo, registrando e comparando as narrações das contadoras de histórias no norte da Europa”, mas diferentemente de Perrault, procuravam ser fiéis às narrativas coletadas, bem como registravam o movimento romântico e humanitário da época (1785 - 1863), preconizando a solidariedade e o amor ao próximo. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Em contrapartida, o escritor e poeta Hans Christian Andersen (1805 - 1875) destacou-se por escrever contos diretamente para as crianças, tendo sido “fortemente influenciado pelas histórias narradas por seu pai, um humilde sapateiro [...] utilizando o sofrimento observado nas crianças menos favorecidas e pobres para compor seus contos”. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p. 136).

Os contos de fadas, por ser uma coletânea das narrativas orais de uma época, revelam um conteúdo cultural coletivo, tendo como tema central uma questão existencial ou ética. O conto é uma mediação entre a oralidade e a escrita. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Os contos de fadas se diferenciam das demais histórias, principalmente por utilizarem a magia e o encantamento, bem como por um dilema existencial difícil no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal e, finalmente, há a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis.

Cashdan afirma que o conto de fada tem quatro etapas: a travessia, a viagem ao mundo mágico; o encontro com o personagem do mal ou o obstáculo a ser vencido; a dificuldade a ser superada; e a conquista (destruição do mal); a celebração da recompensa. (CASHDAM, apud SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p. 135)

No Brasil, a produção de contos de fadas tem destaque em Monteiro Lobato¹, “com suas sofisticadas histórias de bonecas que falam e sabugos de milho que se transformam em geniais cientistas”. (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p. 138), sendo modelo para muitos escritores contemporâneos.

¹ Não temos a intenção de nos aprofundar nesse autor, por isso não faremos menção às críticas sobre sua obra, no que se refere à produção e reafirmação do racismo.

2.2.1.2 MITO

A palavra mito² é definida como relato de proezas de deuses ou heróis, suscetível de fornecer uma explicação do real, nomeadamente no que diz respeito a certos fenômenos naturais ou a algumas facetas do comportamento humano. Do grego mýthos, «palavra expressa» pelo latim mythu-, «fábula; mito».

A origem dos mitos parece tão remota que poderia ser vinculada ao tempo mais antigo da existência humana. Seu surgimento se explicaria pela necessidade do homem em compreender sua existência e seu destino, bem como a existência e o destino do Cosmo. (PASSERINI, 2004, p. 79).

Os mitos são, portanto, uma maneira de explicar o surgimento do mundo e a origem do homem, bem como os acontecimentos naturais que eram na maioria das vezes inexplicáveis. Estava relacionado aos deuses, concebendo realidades e costumes da vida social com um caráter religioso.

A mitologia ensina aos jovens o que está por trás da literatura e das artes, ensina sobre a sua própria vida. É um assunto vasto, excitante, um alimento vital. A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável. (CAMPBELL, 1990, p. 25)

Para Campbell mitologia é algo divino, “a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo”. (CAMPBELL, 1990, p. 37)

2.2.1.3 FÁBULA

A fábula “é uma história simples e muito clara, que faz falar o mundo inanimado para ensinar os conteúdos morais aos homens. O ensinamento moral de

²Mito in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-11-14 12:39:04]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mito>

cada fábula aparece explicitado no início ou no final da historieta”, relata Passerini (2004, p. 73).

Para Lening à fábula se define: se reduzirmos uma afirmação de teor universal a um caso particular e contarmos esse caso como real, isto é, não como um exemplo ou comparação, e de forma que essa narração sirva a um conhecimento evidente de uma afirmação geral, essa obra será uma fábula. (LENING apud VIGOTSKI, 2001, p. 104).

Acredita-se que a fábula tenha surgido na Antiguidade na Europa, África e no Oriente. Chegou à Grécia vinda do Oriente e foi recriada por Esopo, considerado o pai da fábula, um escravo que depois de libertado teria viajado para o Oriente. Habilidade, readaptou as histórias seguindo a sabedoria grega, transformando-a em um gênero erudito, seguindo o caminho do objetivo moral. Assim como Esopo, Fredo, um fabulista latino também muito contribuiu para o desenvolvimento da fábula, tornando-a mais poética, um tanto ingênua. (PASSERINI, 2004, p. 74).

Vigotski também fala da fábula como uma literatura clássica: “a fábula contém o embrião da lírica, da epopéia e do drama e os heróis das fábulas são igualmente protótipos de todo herói épico e dramático, como todos os outros elementos da construção da fábula”. (VIGOTSKI, 2001, p. 119).

Outro fabulista importante que surgiu no século XVII, é Jean de La Fontaine foi por ele que “o ritmo e a narrativa da fábula passam a ser concebidos como categorias poéticas, tornando-a literária”, considera Passerini (2004, p. 74).

Vigostki (2001, p. 105) argumenta que “a fábula, estruturada em enredo, apresenta a narração com certa alegoria da qual extrai uma conclusão geral – a moral da fábula”.

Outros tipos de histórias contadas: contos modernos, contos africanos, contos orientais e lendas, mas prevaleceram os gêneros literários descritos.

3. MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa foi orientada pela abordagem, qualitativa e quantitativa, visando uma análise mais ampla da questão em estudo, respeitando as peculiaridades e contribuições de cada abordagem.

Um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior ou em definir a outra como sendo a verdadeira abordagem da pesquisa. (FLICK, 2009, p. 43)

O trabalho foi realizado com jovens aprendizes de uma Associação sem fins lucrativos que possui o compromisso de formar jovens para um futuro sustentável e solidário na cidade de Curitiba. Dessa forma, o trabalho não foi desenvolvido no ambiente escolar formal.

A Associação realiza desde 2001, entre outras atividades, o programa de inserção e qualificação de jovens no mercado de trabalho na condição de aprendizes, em concordância com a Lei da Aprendizagem 10.097/2000, Decreto 5.598/05 e Portaria 723/12 do Ministério do Trabalho e Emprego. O programa atende empresas em Curitiba e Região Metropolitana.

Nessa Associação realiza-se um trabalho conjunto, entre empresa, família e escola, no qual os jovens passam por um Programa de Aprendizagem intitulado “Plantando o Futuro”.

Atualmente, cerca de 700 adolescentes são atendidos, todos eles atuando como aprendizes em empresas parceiras e participando de Treinamento de Qualificação Profissional em Administração ou Comércio. O programa de aprendiz contempla adolescentes de baixa renda em possível situação de vulnerabilidade social, cuja renda familiar é de até 03 (três) salários mínimos (regional).

Os sujeitos da pesquisa são jovens de 15 a 19 anos, que estudam em escola pública, residentes em Curitiba ou Região Metropolitana, que estão concluindo o Ensino Fundamental ou cursando o Ensino Médio e que participam do Programa Menor Aprendiz da Associação. Faz parte da grade de horário do curso de menor aprendiz a disciplina literatura, na qual a contação de histórias integra o módulo.

A pesquisa foi explicada aos adolescentes que participaram das rodas de contação de histórias na Associação. Participaram da pesquisa trinta e um (31) adolescentes que participam do programa de menor aprendiz, todos aceitaram assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), antes do início das rodas de contação de histórias.

No presente estudo, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: questionário inicial individual, elaborado pela pesquisadora com o objetivo de avaliar o conhecimento e interesse que os adolescentes possuem com relação à contação de histórias e suas expectativas (Apêndice 1), aplicado no primeiro encontro; questionário final individual, elaborado pela pesquisadora com o objetivo de investigar o desenvolvimento sócio-afetivo dos participantes e as mudanças de comportamento após a participação nas rodas de contação de histórias (Apêndice 2), aplicado no último encontro. Foi produzido diário de campo com coleta de informações de cada encontro, registrando observações, comentários e comportamento dos ouvintes, considerando o interesse pela narrativa oral e o seu desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo durante a roda de histórias. Outro instrumento de coleta de dados foi o grupo focal, realizado após o questionário final no último encontro. Fizeram-se dois grupos focais a partir da seguinte questão: Para você, como foi participar das rodas de contação de histórias?

Foram realizados cinco encontros de contação de histórias, com frequência semanal e duração de uma hora cada. Formaram-se dois grupos de estudantes, menores aprendizes, com cerca de 20 participantes cada. O local foi previamente agendado e o ambiente adequadamente preparado para conservar a qualidade do material coletado.

No início de cada encontro foi lido um poema (Apêndice 3) escolhido pela pesquisadora com a intenção de harmonizar os ouvintes para a contação de histórias. Em seguida foram contadas três histórias de variados gêneros literários, selecionadas para esse público, a fim de ampliar o repertório dos jovens, bem como auxiliar com conteúdos relevantes para o seu desenvolvimento afetivo.

Ao final de cada encontro foi realizada uma roda de conversa sobre as histórias contadas com o objetivo de que os jovens pudessem fazer suas análises, destacando: o que lembram sobre a primeira, segunda e terceira história, bem como o que pensam sobre cada uma delas, compartilhando as impressões pessoais. Depois, foi pedido que imaginassem mentalmente e relatassem como seria a capa

do livro dessa história com o objetivo de observar qual a imagem que ficou em evidência. Todo esse material foi gravado e registrado em diário de campo.

Os dados coletados nos questionários envolvendo questões fechadas foram analisados quantitativamente por meio do pacote computadorizado Statistical Package for the Social Science (SPSS). Os dados do grupo focal e as perguntas abertas dos questionários, bem como os diários de campo passaram por análise de conteúdo, considerando Aguiar e Ozella (2006), os quais consideram: leitura flutuante de todo o material, levantamento de pré-indicadores, levantamento de indicadores e, por fim, identificação de núcleos de significação, por aglutinação dos dados. Por outro lado, a análise dos desenhos, questão 12 do questionário, considera: o motivo desenhado e os sentimentos expressos em relação a ele, os adolescentes tiveram a oportunidade de escrever esses sentimentos logo após realizar o desenho.

Finalizamos todos os encontros em círculo, todos em pé, agradecendo a presença de todos.

Para a testagem dos instrumentos foi realizado um estudo piloto com um grupo de adolescentes da associação antes do estudo principal, com as mesmas características dos encontros objeto da pesquisa. O estudo piloto evidenciou uma boa aceitação dos adolescentes em relação à proposta, por isso, não foram realizadas modificações em relação ao projeto inicial.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As rodas de contação de histórias aconteceram uma vez por semana, com uma hora de duração, totalizando cinco encontros com cada grupo de aproximadamente 15 adolescentes. No primeiro encontro foi explicado sobre a pesquisa e a importância da participação deles no projeto. Entregou-se o TCLE para o preenchimento de todos e também o primeiro questionário (Apêndice 1).

Inicialmente mostraram-se meio desconfiados, com certo desinteresse pelo que estava sendo exposto. Comentou-se que ali seria um espaço importante em que era necessário respeitar a opinião do outro, mas que também poderiam discordar dessas opiniões, colocando sempre seus posicionamentos com respeito, pois também seriam respeitados.

Iniciamos com os movimentos da euritmia³, logo após fizemos a leitura de um poema para então iniciarmos a contação de histórias. Em todos os encontros foram contadas três histórias.

A primeira história contada foi um conto oriental que provoca certo riso e curiosidade pelo que pode acontecer, depois contamos um conto de fadas e, por fim, finalizamos com um conto moderno. Ao abrirmos a roda de conversa, os adolescentes demonstraram pouco interesse em comentar sobre as histórias, mas à medida que fomos perguntando sobre cada história, eles foram se soltando e falando as suas impressões. Finalizamos em círculo, todos em pé, agradecendo a presença de todos.

O segundo encontro foi iniciado pela euritmia³, depois o mesmo poema e em seguida as histórias. A primeira história foi um conto moderno, depois um mito e por fim uma lenda. Em seguida fizemos a roda de conversa em que os adolescentes puderam fazer os comentários sobre as histórias. Fechamos com círculo, agradecendo a participação de todos.

A partir do segundo encontro, os adolescentes chegavam mais interessados e participativos, fazendo comentários sobre as suas rotinas e o projeto que participam na associação. Parece que foram se sentindo mais à vontade, pois ali era

³ EURITMIA - Do grego eurythmía, «ritmo harmonioso», pelo latim eurythmía-, «harmonia». Atividade corporal que harmoniza o corpo, a alma e o espírito, utilizada na Antroposofia.

um espaço que os estava acolhendo com respeito, espaço em que podiam expressar seus sentimentos e pensamentos.

O terceiro encontro teve os mesmos preparativos iniciais. A primeira história foi um conto oriental, um conto maravilhoso e por fim um conto moderno. Abrimos a roda de conversa, nesse encontro os adolescentes já estavam mais soltos, fizeram vários comentários. Finalizamos em círculo, agradecendo a presença de todos.

O quarto encontro contou com os mesmos preparativos. Iniciamos com um conto africano, um conto moderno e por fim uma fábula. A roda de conversa se deu com vários comentários, havendo uma boa integração do grupo. Finalizamos agradecendo a todos.

No quinto encontro avisamos que finalizaríamos o nosso trabalho nesse dia. Fizemos os mesmos preparativos iniciais. Iniciamos com uma lenda, depois um conto de fadas e por último um conto moderno. Abrimos a roda de conversa, os jovens já estavam acostumados a falar sobre as histórias, então falaram abertamente sobre o que sentiram e deram suas opiniões.

Como foi o último dia, fizemos aqui o grupo focal com a questão: Para você, como foi participar das rodas de contação de histórias? Os jovens falaram livremente sobre a participação no projeto. Por fim foi entregue a eles o questionário final (Apêndice 2). Finalizamos agradecendo a participação de todos.

4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

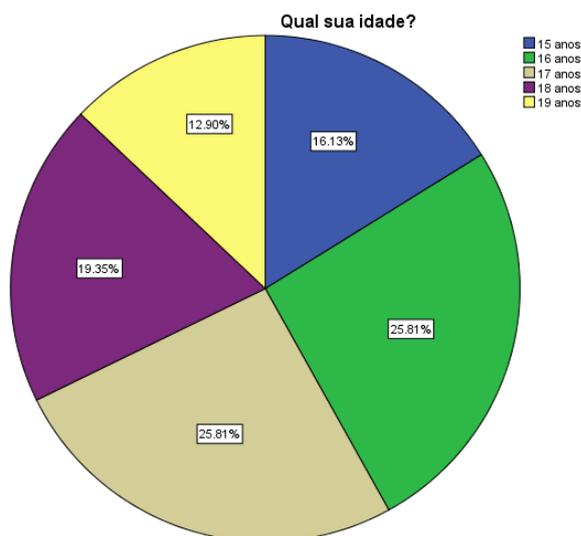
O primeiro instrumento aplicado foi um questionário (Apêndice 1) e ao final dos 5 encontros foi aplicado outro questionário (Apêndice 2). Participaram da pesquisa trinta e um (31) adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos que estão cursando ensino fundamental, ensino médio regular, ensino médio técnico e ensino superior. Todos os adolescentes são participantes do Programa Menor Aprendiz da Associação sediada em Curitiba.

Nas Figuras 1 e 2, temos uma amostra das idades e escolaridades dos participantes do Programa Menor aprendiz, atendendo aos critérios estabelecidos pelo Ministério do Trabalho.

A formação realiza-se em programas de aprendizagem organizados e desenvolvidos sob orientação e responsabilidade de instituições formadoras legalmente qualificadas. O aprendiz é o jovem com idade entre 14 e 24 anos, matriculado em curso de aprendizagem profissional e admitido por estabelecimentos de qualquer natureza que possuam empregados regidos pela CLT. (BRASIL, 2009, p. 9).

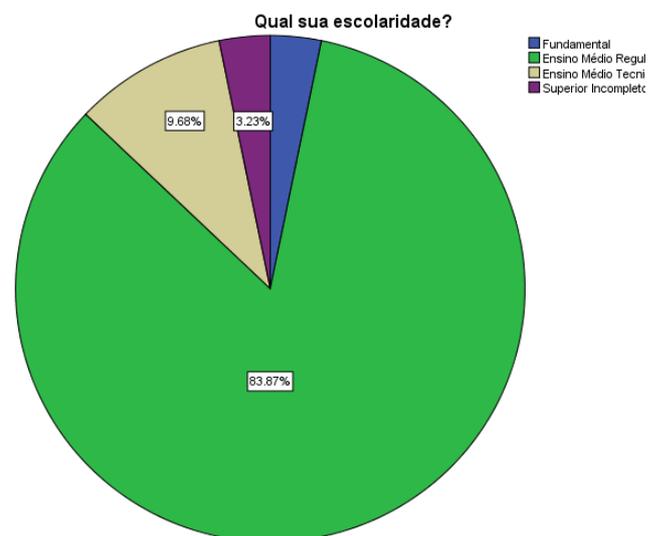
Observamos (FIGURA 1) que há uma distribuição heterogênea da turma, com idades diversificadas: 16,13% possuem 15 anos, 25,81% 16 anos, 25,81% 17 anos, 19,35 18 anos e com 19 anos 12,90%, assim observamos que o maior grupo está entre os jovens que possuem entre 16 e 17 anos, totalizando 51,62%.

FIGURA1 - IDADE DOS PARTICIPANTES



FONTE: Autora (2017)

FIGURA 2 - ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES



FONTE: Autora (2017)

A expectativa de adquirir novas aprendizagens cria oportunidades para que o jovem possa desempenhar atividades profissionais, desenvolvendo “capacidade de discernimento para lidar com diferentes situações no mundo do trabalho”. Assim, a “formação técnico-profissional deve ser constituída por atividades teóricas e práticas, organizada em tarefas de complexidade progressiva”, possibilitando ao jovem um aprendizado amplo e a condição necessária para o seu desenvolvimento, conclui Lupi. (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2009, p. 9).

A possibilidade de desenvolvimento intelectual associada ao ingresso no mercado de trabalho propicia ao jovem uma transição mais tranquila para avançar no processo de expansão das relações sociais, conquistando autonomia e

responsabilidades, o que favorecerá no seu processo de evolução. (VIGOTSKI, 1989, p. 63).

Quanto à escolaridade (FIGURA 2), podemos observar que 83,87% dos jovens estão cursando o ensino médio regular, outros 9,68% cursam ensino médio técnico. Todos estão dentro dos critérios exigidos pelo Ministério do Trabalho, em que determina que os adolescentes ou jovens entre 14 e 24 anos estejam matriculados e frequentando a escola. (BRASIL, 2009). Esse índice nos possibilita inferir que a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho por meio de programas de menor aprendiz estimula o jovem a manter os estudos.

A oportunidade de participar desse programa possibilita ao jovem conhecer outras realidades e entrar em contato com atividades e conhecimentos ainda desconhecidas. Barbosa e Souza (2015, p. 259) argumentam que “à medida que o sujeito interage com o meio, ele se apropria desses modos de funcionar, tornando-os seus e essas novas funções passam a regular sua conduta”. Sendo, portanto, uma boa oportunidade para o adolescente ampliar suas relações sociais e iniciar-se no mercado de trabalho.

Podemos observar (FIGURA 3), que a maior parte dos adolescentes (58,6%) não teve a oportunidade de participar de rodas de contação de histórias em outros momentos de suas vidas, 29,3% não lembram ter participado e somente 12,9% têm lembrança de ter participado de rodas de contação de histórias. Dessa forma, a possibilidade do adolescente de participar de atividades diferenciadas, neste caso às relacionadas à contação de histórias, pode contribuir para um entendimento diferenciado do mundo, como argumenta Barbosa e Souza (2015, p. 259), “novas possibilidades de funcionamento mental favorecem a reflexão e a ampliação da consciência”.

Observa-se (FIGURA 4) que 54,84% dos jovens gostam de ouvir histórias e 45,16% gostam um pouco de ouvir histórias. O questionário também previa a possibilidade da resposta não gosto, mas nenhum adolescente fez essa opção. Assim, podemos sugerir que há interesse dos adolescentes em conhecer mais sobre literatura, sendo nessa fase a forma de arte que mais atende aos interesses deles, pois “a imaginação assume prevalência no modo de ser e agir do sujeito, passando “de subjetiva para objetiva”, considera Montezi e Souza (2013, p. 79).

Observamos em Vigotski (BARBOSA; SOUZA, 2015, p.72) que “na adolescência o indivíduo passa gradualmente a utilizar mais as palavras do que as

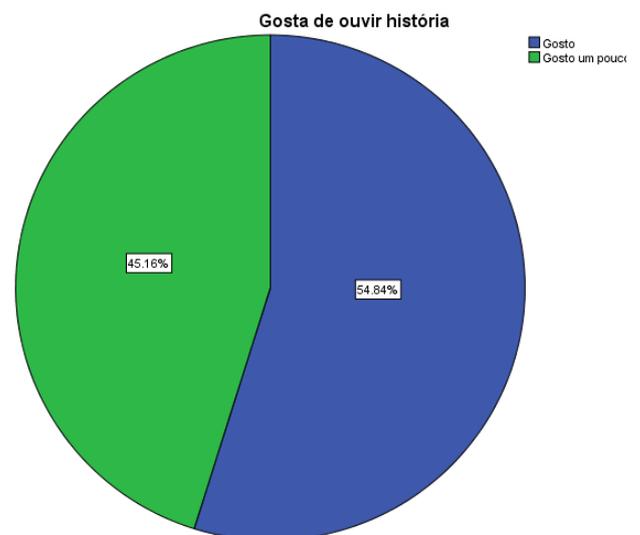
imagens, mais o pensamento abstrato do que o pensamento concreto” surge o desejo de escrever sobre temas de seu interesse. “É nesta fase que os diários, cartas de amor, entre outras formas de escrita ganham força”. (BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 260).

FIGURA 3 - PARTICIPAÇÃO EM RODAS DE HISTÓRIAS



FONTE: Autora (2017)

FIGURA 4 - GOSTA DE OUVIR HISTÓRIAS



FONTE: Autora (2017)

Assim, conclui-se que para a grande maioria dos adolescentes, essa foi a primeira oportunidade de participar de uma roda de histórias, o que despertou expectativas, como mencionadas em resposta à pergunta aberta: “Que expectativas você tem com relação às rodas de contação de histórias”? Os jovens responderam: “Que seja algo para se distrair, parando algumas atividades do dia” (A1, 16 anos); “Acredito que possa ser legal, interessante, uma nova experiência” (A2, 18 anos; A10, 16 anos); “Talvez despertar meu interesse pela leitura e aprender a contar histórias” (A6, 17 anos); “Que as histórias nos envolva e nos transporte para dentro dela” (A20, 18 anos; A22, 19 anos); “Abrir a mente e se expressar melhor” (A25, 17 anos); “Que as contadoras consigam nos convencer por meio das histórias” (A27, 16 anos).

Observa-se, nos depoimentos, que os adolescentes criaram expectativas relacionadas aos seus interesses e necessidades, acreditando que a magia dos contos pode abrir novas possibilidades de pensar. Considerando Ribeiro (2013, p. 16), “a contação de histórias tem uma conotação de prazer que possibilita o

alargamento da aquisição de aprendizagens significativas”, tais como: a criatividade, a sensibilidade, a emoção, a ação, a inclusão e a flexibilidade, no sentido em que se adaptam a todas as idades, necessidades e níveis de desenvolvimento.

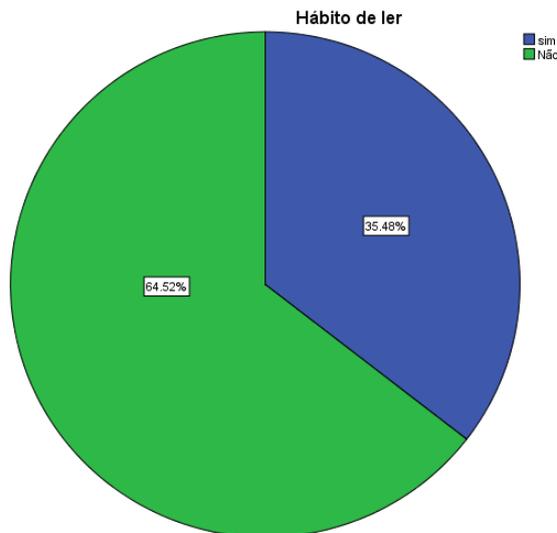
Podemos observar que os adolescentes estavam receptivos à experiência de ouvir histórias, não encarando essa atividade como algo que possa estar relacionado ao universo da infância, pois muitos têm a perspectiva de obter algum aprendizado, conforme observado nas respostas: “Poder levar as pessoas a acreditarem mais nos sonhos” (A9, 15 anos); “Que seja interessante e livre a mente dos problemas” (A13, 19 anos); “Espero que me ajude em algumas questões pessoais” (A16, 18 anos); “Levar experiências para a vida e deixar tudo mais belo” (A17, 15 anos); “Expectativas de reflexão e crescimento” (A14, 16 anos); “Ouvir e acatar o que for bom e levar como exemplo para a vida” (A21, 17 anos); “Eu espero que seja algo útil e que me ajude a tomar algumas decisões” (A29, 17 anos); “Acho que sempre podemos aprender algo novo” (A31, 16 anos).

Os adolescentes demonstram interesse em adquirir novos aprendizados por meio da contação de histórias, com a intenção de que possa ajudá-los a encontrar respostas para os dilemas que estão vivendo, ou, estão buscando na relação com o outro, experiências que julgam necessárias para as suas vidas, conforme defende Vigotski (1989).

A literatura é a ponte entre o real e o imaginário, as histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções gozadas por meio das narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real, de forma mais racional e equilibrada. A literatura suscita o imaginário, encanta e deleita o espírito. (MAINARDES, 2008, p.3)

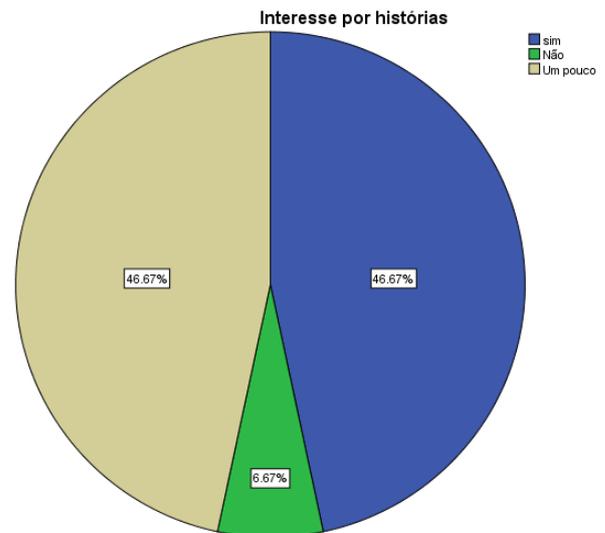
Podemos observar (FIGURAS 5 e 6) a relação entre o hábito de ler e o interesse por ouvir histórias.

FIGURA 5 - HÁBITO DE LEITURA



FONTE: Autora (2017)

FIGURA 6 - INTERESSE POR HISTÓRIA



FONTE: Autora (2017)

Conforme exemplificado na Figura 5, a grande maioria dos pesquisados (64,52%) não possui o hábito de ler, argumentando: “É raro, quando não há o que fazer” (A2, 18 anos); “Só quando eu fico inspirado” (A4, 18 anos); “Não tenho e nunca tive o hábito de ler” (A15, 19 anos); “Não gosto muito de ler, prefiro ouvir histórias contadas” (A19, 17 anos); “Não tenho tempo” (A28, 15 anos); “Não tenho o hábito, mas gostaria de ter” (A17, 15 anos); “Algumas vezes leio no colégio ou em casa, mas é raro” (A12, 16 anos).

Outros 35,48% dizem ter o hábito de ler e comentam esse interesse: “Desde pequena sempre gostei de ler” (A3, 16 anos); “Eu leio principalmente quando viajo e a noite” (A1, 16 anos); “Leio no ônibus e antes de dormir” (A8, 19 anos); “Quando tenho tempo livre” (A10, 16 anos); “Sempre gostei de ouvir e ler histórias” (A16, 18 anos); “É interessante para abrir a mente em relação às coisas” (A22, 19 anos); “Gosto de histórias medievais” (A20, 18 anos).

Dessa forma, observa-se que a maior parte dos adolescentes não desenvolveu o hábito da leitura, podendo ser a contação de histórias uma possibilidade de despertar esse interesse e conhecer outros hábitos e culturas.

A utilização de histórias orais é uma prática comum às sociedades de todas as épocas e lugares, de forma ritualizada ou no cotidiano, e atende a múltiplas funções essenciais à vida numa cultura: a comunicação, a explicação de motivações para comportamentos e de causas para as coisas, a persuasão, a criação de versões para acontecimentos, o entretenimento, a construção de mundos e situações possíveis. (SMITH; SPERB, 2007, p. 556).

Em contrapartida, a Figura 6 demonstra que 46,67% dos adolescentes dizem ter interesse por histórias; 6,67% expressam ter um pouco de interesse por ouvir histórias e 46,67% diz não ter interesse. Essa última informação parece estar relacionada ao fato dos adolescentes não gostarem de ler (64,52%), ainda que o índice seja superior. Os jovens que manifestam interesse relatam que: “A vida é feita de histórias” (A3, 16 anos); “Acho que sempre podemos aprender algo novo” (A8, 19 anos; A 12, 16 anos); “Me interessa porque me acalma” (A13, 19 anos); “Acho maravilhoso poder ouvir histórias” (A17, 15 anos); “Gosto de saber o que as pessoas têm a dizer e se é interessante, e se isso pode me trazer algum bem” (A18, 15 anos); “Se forem histórias reais eu gosto de ouvir” (A5, 18 anos); “Acho muito interessante para o futuro” (A26, 17 anos). Assim conclui-se que, somando os adolescentes com interesse por ouvir histórias com os que têm um pouco de interesse, totaliza-se 53,34% que possui algum interesse por histórias. Esse número é relativamente maior do que aquele dos que não gostam de ler (35,48%), então, entende-se que esses jovens podem ainda desenvolver o hábito da leitura caso haja estímulo. Como podemos observar na literatura, Montezi e Souza (2013, p. 83) argumentam que “o interesse dos adolescentes está intrinsecamente relacionado à motivação”, ou seja, aos desejos e emoções, “que segundo Vigotski, toda conduta humana é sustentada pela tendência afetivo-volitiva”, isto é, está relacionada à vontade e a afetividade (2013, p. 83).

Compreendemos que a leitura possui um efeito libertador, pois aquele que lê, mergulha no livro, envolve-se a ele e o único limite será a imaginação do próprio leitor. É por meio da leitura que se têm uma visão do mundo, que se formulam hipóteses, formam-se o senso crítico e constroem-se conhecimentos. (PASTORELO; ANGELO; TORRES, 2015, p. 8)

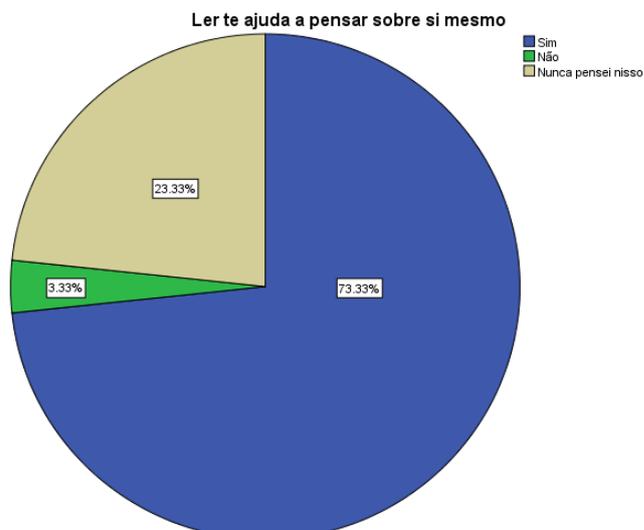
Quanto à questão relacionada à leitura, ao ouvir histórias e ao pensar sobre si mesmo, pode-se observar nas Figuras 7 e 8 os seguintes resultados: 73,33% dos jovens pesquisados confirmam que ler histórias os ajuda a pensar sobre si mesmo e 82,14% dizem que ter participado das rodas de contação de histórias os ajudou a pensar sobre si mesmo. Essa informação nos faz pensar o quanto os adolescentes estão em busca de explicações para o que sentem e o que acontece em suas vidas, não sendo meros expectadores das mudanças que ocorrem em seu corpo físico e nas vivências emocionais, estando dispostos a compreender a própria evolução. Dessa forma, constatamos o que Vigotski fala sobre o quanto a imaginação contribui

para o desenvolvimento emocional do adolescente e argumenta que “a arte sistematiza um campo inteiramente específico do psiquismo do homem social – precisamente o campo do seu sentimento”. (VIGOTSKI, 2001, p. 12)

Outros 23,33% nunca pensaram se ler os faz pensar sobre si mesmos e 10,71% dos que participaram das rodas nunca pensaram se ouvir histórias os faz pensar em si mesmos. Aqui podemos inferir que cada jovem utiliza suas experiências anteriores para avaliar situações novas como sustenta Vigotski:

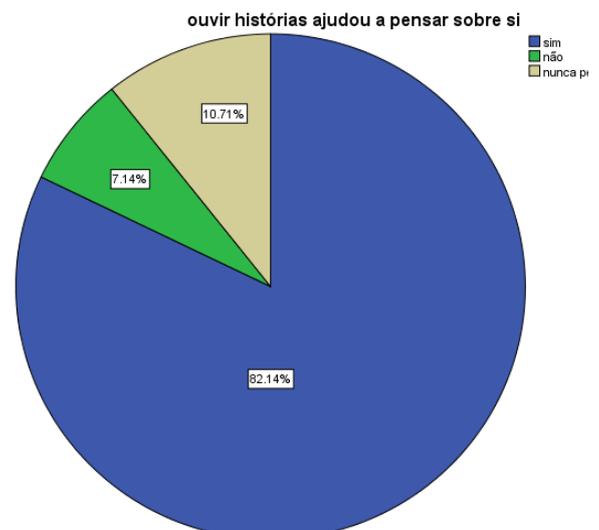
[...] nunca abarcamos o sentido completo das coisas e, por conseguinte, tampouco o sentido completo das palavras. A palavra é uma fonte inesgotável de novos problemas, seu sentido nunca está acabado [...] o sentido das palavras depende conjuntamente da interpretação de mundo de cada um e da estrutura interna da personalidade. (VIGOTSKI, 1998, p. 334).

FIGURA 7 - LEITURA E AUTO PERCEPÇÃO



FONTE: Autora (2017)

FIGURA 8 - OUVIR HISTÓRIAS E AUTO PERCEPÇÃO



FONTE: Autora (2017)

As respostas mediante a pergunta: Ouvir ou ler histórias te ajudam a pensar sobre si mesmo, reforçam a ideia de que o adolescente está em busca de seu desenvolvimento pessoal como podemos observar: “Algumas histórias ajudam a observar e rever as atitudes” (A1, 16 anos e A10, 16 anos); “Ajuda a aprender coisas novas, palavras novas e ter mais conhecimento” (A11, 15 anos); “Gosto de histórias que me ajudam a ser ou agir de uma melhor maneira” (A14, 16 anos); “Sim, porque te faz olhar para o mundo por meio do olhar de outras pessoas e que antes você não via” (A17, 15 anos); “Sim, pois apresentam experiências já “vivas”, para aplicar em

sua vida” (A18, 15 anos); “Dependendo do personagem me identifico” (A19, 17 anos); “Me faz refletir no que penso e aprender através de uma história” (A 20, 18 anos); “Muitas coisas podemos aproveitar para nossa vida pessoal” (A21, 17 anos); “Há livros e autores que levam a reflexões interessantes em diversos aspectos sociais e pessoais (A22, 19 anos; A7, 17 anos)”; “Tem coisas que podem ter em um livro ou história que podem nos abrir os olhos” (A24, 18 anos); “É importante para meu futuro” (A26, 17 anos); “Algumas histórias, mesmo que de ficção ou diferentes de algo que vivo ou vivi, me ajudaram em decisões” (A29, 17 anos); “Histórias nos ajudam a pensar e de certa forma influenciam um pouco na vida das pessoas” (A30, 17 anos). Diante do exposto, pode-se pensar que as histórias possibilitam ao adolescente entrar em contato com sentimentos e emoções que normalmente não se sentem à vontade para compartilhar, sendo um espaço adequado para pensar sobre si mesmo, como considera Smith e Sperry:

Escutando e contando histórias vamos construindo um sentido de mundo e de nós mesmos, estabelecendo uma continuidade entre os eventos, numa perspectiva simultânea da ação e da intencionalidade de pessoas situadas num cenário físico e social. (2007, p. 558).

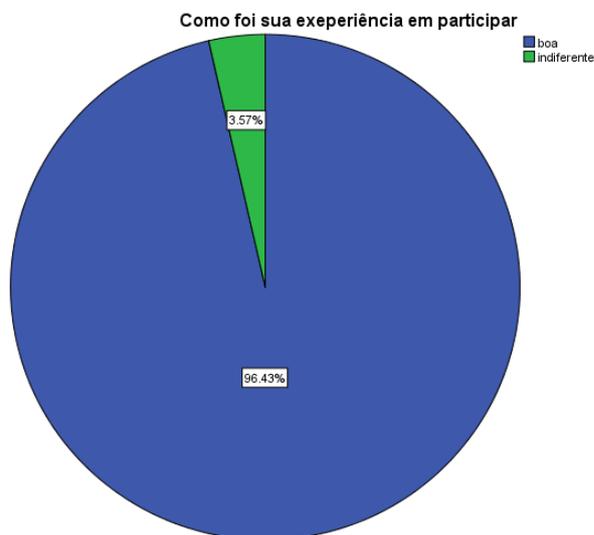
Após a participação nas rodas de histórias, a pergunta proposta referente à Figura 8 foi: Participar das rodas te ajudou a pensar sobre si mesmo? Os adolescentes responderam: “Pensar mais, desenvolver a imaginação” (A1, 16 anos; A4, 15 anos); “As histórias tem um pouco da vida real” (A2, 15 anos;); “Refletir sobre minhas atitudes, o modo como venho tratando as pessoas, por meio do entendimento das histórias” (A3, 16 anos; A5, 15 anos; A14, 17 anos; A7, 16 anos; A12, 17 anos; A18, 17 anos; A23, 18 anos); “Relacionamento, comportamento no dia a dia” (A6, 17 anos; A9, 19 anos); “Sobre mim mesmo, meu interior” (A 16, 16 anos); “Em não pensar só em mim e sim em quem está ao meu redor” (A19, 16 anos).

Considerando as respostas dos adolescentes pode-se pensar que a contação de histórias é capaz de mobilizar certo interesse do adolescente pelo outro, uma preocupação em se colocar no lugar do outro e observar as próprias atitudes com esse outro. Assim, supõe-se que as rodas de contação de histórias promovem um convívio social que permite ao adolescente falar sobre seus conflitos e ouvir o que o outro tem a dizer, compartilhando apoio aos seus pares, não se sentindo sozinho nesse processo.

Contar histórias é a mais antiga das artes, sendo que o hábito de ouvi-las e de contá-las tem inúmeros significados, estando interligado ao desenvolvimento da imaginação, à capacidade de ouvir o outro e de se expressar, à construção de identidade e aos cuidados afetivos. (MAINARDES, 2008, p.3)

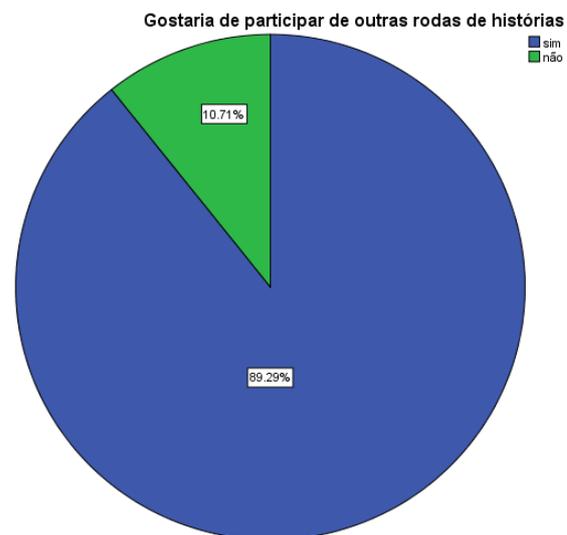
Com relação à experiência de participar das rodas de contação de histórias e o interesse em participar de novas rodas de histórias, pode-se constatar nas Figuras 9 e 10, que 96,43% dos adolescentes responderam que foi uma boa experiência participar das rodas de história e 89,29% marcaram que gostariam de participar de outras rodas de história.

FIGURA 9 - EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO



FONTE: Autora (2017)

FIGURA 10 - INTERESSE EM NOVAS RODAS



FONTE: Autora (2017)

Esses dados possibilitam pensar que os adolescentes gostam de histórias e não se sentem incomodados em participar de rodas de histórias, demonstrando interesse em partilhar de outras oportunidades como relatam em suas respostas: “É bom às vezes desligar do mundo” (A3, 16 anos); “Eu adoraria, é um bom entretenimento, gostei muito” (A5, 15 anos; A11, 19 anos; A19, 16 anos); “Acho legal e importante” (A13, 18 Anos; A14, 17 anos); “Sim gostaria, pois fiquei super interessada em ouvir mais histórias, maravilhoso” (A15, 18 anos; A17, 17 anos).

Observa-se que os adolescentes se sentiram acolhidos e que foi uma experiência importante, que gostariam de viver novamente. Poucos não se identificaram tanto com a proposta como podemos observar nas respostas: “Não

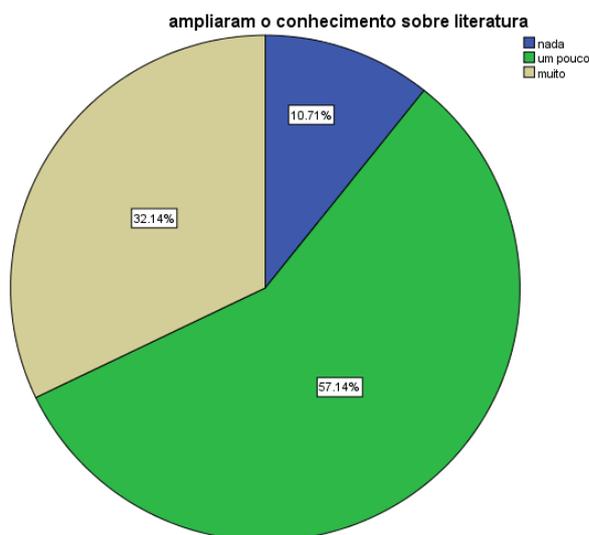
tenho tempo” (A10, 17 anos); “Só se for mais legal” (A21, 17 anos), mas deixam margem para pensar que talvez pudessem participar novamente.

A vida não é aprendida apenas por meio das ciências formais, mas também por meio da literatura’, as histórias também nos possibilitam apreender novos conceitos da vida, considerando os sonhos, ‘pois a vida deve ser pautada também pela paixão e pelo entusiasmo. (SMITH; SPERB, 2007, 1138).

A experiência em participar das rodas de contação de histórias possibilitou aos adolescentes a ampliação de conhecimento de novas literaturas, como exposto na Figura 11: 32,14% relatam ter ampliado muito, 57,14% dizem ter ampliado um pouco e 10,71% dizem não ter alterado nada. Dessa forma, observamos que 89,28% aproveitaram de alguma forma os conhecimentos literários trabalhados nas rodas.

Como ressaltam Brito, Vidal, Tavares e Vieira (2014, p.11) “A leitura é uma das portas de acesso ao mundo. Ler não é apenas decifrar símbolos, mas, resignificá-los. O leitor precisa captar a mensagem, com ela dialogar e ser capaz de dar um sentido próprio ao que lhe foi transmitido.

FIGURA 11 - AMPLIAÇÃO DE CONHECIMENTO



FONTE: Autora (2017)

FIGURA 12 - RECOMENDA AOS AMIGOS



FONTE: Autora (2017)

A experiência em participar das rodas de contação de histórias mobilizou o grupo a recomendar aos amigos, conforme mostra a Figura 12 acima, onde 92,86% dos adolescentes indicam para os amigos e justificam: “Pela experiência, é ótima”

(A2, 15 anos; A23, 18 anos; A26, 16 anos); “Para elas reverem seus atos” (A3, 16 anos); “Para aprenderem coisas novas” (A5, 15 anos; A10, 17 anos; A22, 16 anos); “Ajudaria no desenvolvimento de várias pessoas” (A11, 19 anos); “É algo para descontrair” (A14, 17 anos; A17, 17 anos; A27, 18 anos); “Porque leva lições para a vida” (A18, 17 anos). Somente 7,14% não recomendam aos amigos: “Meus amigos não iriam gostar, não gostam de histórias, conheço eles” (A21, 17 anos; A24, 19 anos).

Recomendar aos amigos é uma forma de demonstrar que as rodas de contação de histórias, de alguma forma, contribuíram para os adolescentes, tanto com relação ao interesse por histórias quanto pelo trabalho ter sido desenvolvido em grupo.

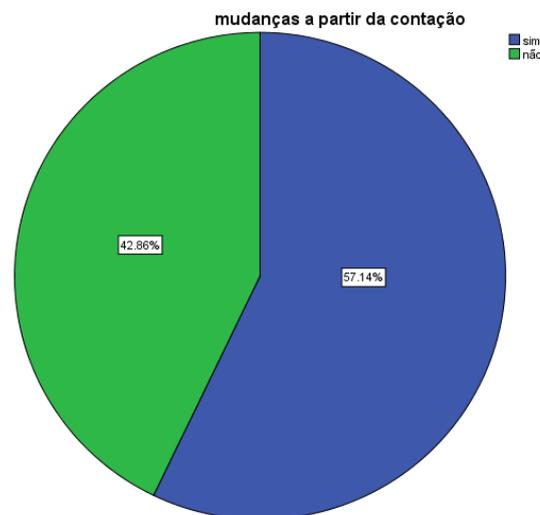
Vigotski diz que é pela aquisição da fala que nos relacionamos socialmente e, ao mesmo tempo, interferimos na construção do meio. O que o sujeito pensa, interpreta e expressa é o que ele apreende de seu entorno, mas também, dialeticamente, é pela fala que este mesmo sujeito pode interagir e transformar o mundo. (VIGOTSKI, apud SOUZA; ANDRADA, 2013, p. 358).

Assim, indicar aos amigos é uma forma de contribuir no social como forma de interagir e transformar o mundo, compartilhando aquilo que julga importante para o desenvolvimento da humanidade.

Por fim, na Figura 13 podemos constatar que 57,14% dos adolescentes dizem ter tido mudanças a partir das rodas de contação de histórias e 42,86% relatam não ter observado nenhuma mudança. Nessa questão foi solicitado que comentassem a resposta como podemos conferir: “Despertou a minha imaginação” (A1, 16 anos); “Pensar na vida e nas escolhas” (A2, 15 anos); “Dizem que possibilita a mudança de atitude” (A3, 16 anos; A4, 15 anos; A18, 17 anos); “Agora vou contar histórias para os meus priminhos” (A5, 15 anos); “Mudou um pouco o meu jeito de ver as coisas e pensar sobre a vida” (A6, 17 anos; A10, 17 anos); “Não senti que algo mudou” (A11, 19 anos); “Atenção” (A13, 18 anos); “Não sei não lembro” (A21, 17 anos). Observa-se que 18 jovens não quiseram justificar sua resposta.

Sabemos que o trabalho foi relativamente rápido, pois tivemos somente cinco encontros semanais com cada grupo para compartilhar as histórias e promover as rodas de conversa, mas percebemos que o resultado foi significativo, tendo despertado em muitos adolescentes o interesse por pensar sobre determinadas atitudes.

FIGURA 13 - MUDANÇAS A PARTIR DA CONTAÇÃO



FONTE: Autora (2017)

Para alguns, o resultado foi mais profundo como podemos observar: “Eu não pensava que as histórias pudessem ajudar tanto assim”. (A17, 17 anos); “Porque é mágico”. (A13, 18 anos), entre vários outros depoimentos que estão descritos ao longo do texto. Dessa forma, é muito positivo trabalhar com as rodas de contação de histórias, pois o trabalho com o imaginário e as relações sociais, favorece positivamente o processo de desenvolvimento cognitivo e emocional dos adolescentes.

O imaginário remete-nos para a natureza simbólica, espaço onde a imagem é posta em ação. Aliás, ao observarmos o mundo que nos rodeia, memorizamos a realidade e produzimos, no nosso imaginário, as imagens do mundo. O imaginário é o espaço onde a imagem é criada para ser projetada nos sonhos, na fantasia, nos devaneios e nos atos criativos. É um intemporal onde podemos regressar vezes sem fim. (AZEVEDO, 2010, p. 31).

Considera-se as ideias de Vigostki (1988, p 146) de que “à medida que a fala fica mais complexa, o pensamento também se torna mais desenvolvido”. Dessa forma, conclui Souza e Andrada:

O sujeito pode ampliar suas trocas com o mundo e, assim, expandir as representações do meio ao seu redor, formar novos conceitos, e desenvolver a consciência de si e da realidade. Daí a compreensão de que o sujeito é produto e produtor de sua história, constituição possível, justamente, por seu caráter histórico-social. (2013, p. 258)

4.2 ANÁLISE DO GRUPO FOCAL, DIÁRIO DE CAMPO E RODA DE CONVERSA

Na análise dos dados, o procedimento para levantamento dos pré-indicadores se deu por leituras flutuantes⁴ de todo o material coletado em diário de campo, das rodas de conversa e dos dois grupos focais a fim de estabelecer os indicadores e núcleos de significação. As observações que se repetem e revelam o envolvimento dos adolescentes com a roda de contação de histórias foram aglutinadas, considerando o objetivo da pesquisa de investigar a percepção de adolescentes sobre a contação de histórias no desenvolvimento da adolescência. Chegou-se, assim, a dois núcleos de significação, que “[...] nunca são neutros”. (Aguiar; Ozella, 2006, p 238).

Diante de todo o material coletado encontrou-se dois núcleos de significação: a imaginação motivada pelas oportunidades; a imaginação, as emoções e a reflexão na organização do si mesmo.

O núcleo de significação a imaginação motivada pelas oportunidades está relacionado à participação nas rodas de contação de histórias que possibilitou a experiência de entrar em contato com novos conteúdos, mobilizando a imaginação, que baseada em vivências anteriores, encontrou recursos para compreender e dar novos significados, como relata Barbosa e Souza (2015, p. 259). Pode-se observar nos depoimentos que seguem:

A velhinha representa o quanto a gente não ouve o que os outros dizem, as irmãs (refere-se à história) pensavam no que iriam ganhar e não no que iria acontecer; ser alguém que não é seria como usar uma máscara, é a gente no meio da sociedade, aquilo que a gente não é. Não se valoriza a beleza de dentro, o monstro conseguiu matar duas antes[...] silêncio e baixou a cabeça. (A7, 16 anos)

A Maria (personagem da história) estava brincando com a vizinha e ela não entendeu, pois cada um dá o que tem de melhor. Na vida a gente tem a escolha de confrontar com aquilo ou fazer diferente, o problema é que o nosso sentir vai antes da gente pensar, confrontar antes de refletir sobre as atitudes. Se tiver uma briga na escola, todo mundo tem interesse [...] silêncio. (A18, 17 anos)

A experiência de contação de histórias vivenciada com os familiares é rica de significado afetivo, são memórias que ajudam o adolescente a construir sua identidade e se diferenciar enquanto indivíduo. (BARONE; MARTINS; CASTANHO,

⁴ Diversas leituras de todo o material, considerando Aguiar e Ozella (2006)

2011). Pode-se observar a importância nos depoimentos: “É tão bom essas histórias de avó, minha avó contava histórias de terror. As histórias são importantes, você leva esse aprendizado para a vida, para sempre, começa assim pequeno e vai aumentando”. (A16, 18 anos); “A minha mãe falou que não se aponta para estrelas senão nasce uma verruga na ponta do dedo”. (A28, 15 anos).

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro. (AMADO, 1995, p.132)

Há indícios desse núcleo de significação nas falas dos adolescentes, nas quais a imaginação é muito motivada pelas oportunidades. A relação estabelecida entre os familiares e permeada pelas histórias é uma experiência que se leva para a vida, podendo se tornar uma das melhores recordações da infância. Contudo, a falta dessa oportunidade pode deixar lacunas, como pondera: “Nossos pais não tem tempo de contar histórias”. (A10, 16 anos). “Meus pais nunca contaram histórias, eles não têm o hábito de ler”. (A5, 15 anos).

Para os pais, a contação de histórias pode ser um momento ímpar de participação no desenvolvimento dos filhos e uma oportunidade de interação e diálogo. Além disso, permite que os laços afetivos se fortaleçam e que os momentos em família tornem-se saudáveis e prazerosos. (SCHERER, 2012, p. 325)

Para Scherer (2012, p. 325) “ouvir histórias possibilita à criança desenvolver suas habilidades linguísticas importantes para a fala/ linguagem, leitura e escrita” como exemplo tem o depoimento de uma adolescente: “Hoje eu sofro muito porque nunca contaram histórias para mim e por isso eu sinto muita dificuldade de escrever, isso foi uma falta, uma falha”. (A26, 17 anos).

Outra jovem expressa a importância de trabalhar com as histórias no ambiente escolar:

Eu acho que deveria ter nas escolas, quando eu estava no 9º ano toda sexta-feira a professora dava aula de literatura e contava histórias do folclore brasileiro, quando a gente lia não era a mesma coisa, as discussões e a análise eram bem interessantes. Eu acho que foi importante, saía um pouco daquele mundo de estudar, ter que me matar nos livros, tirava daquilo algo bom, relaxava um pouco, no final sempre tinha uma análise, foi importante. (A16, 18 anos)

Esse depoimento mostra que os jovens gostam de ter acesso a diferentes conteúdos e métodos de aprendizagem. A contação de histórias pode “desvendar leituras de diversas culturas, despertando no contador e no ouvinte não só aspectos cognitivos e linguísticos, mas também afetivos que podem mudar a maneira de encarar a vida”. (Abate, 2017, p.6).

A possibilidade de trabalhar com “o imaginário do adolescente pode ser uma maneira de ajudá-los a desenvolver a motivação e o entusiasmo, aspecto importante para o desenvolvimento”, como defende Vigotski (2010, p. 460). Os depoimentos sustentam esse argumento: “Foi interessante, causa curiosidade, a pessoa presta atenção talvez ela tire algo do que ouviu para a vida, isso é muito importante; tem história que serve como lição de moral, mesmo que não tenha servido para mim...risos” (A25, 17 anos); “Achei legal, importante, é uma forma de entrar em contato com a história e despertar a curiosidade” (A17, 15 anos); “Eu acho que é importante para as pessoas ouvir histórias” (A30, 17 anos).

Ouvir histórias e ler é elemento indispensável na formação humana, favorece “o desenvolvimento emocional, afetivo e cognitivo, contribuindo na aquisição de novos conhecimentos e na análise crítica, ou seja, o leitor pode adquirir maiores subsídios para defender ideias e pontos de vista”, argumenta Abate (2017, p. 6).

Pode-se perceber essa ideia quando nos deparamos com as reflexões dos adolescentes: “Experiência única” (A27, 16 anos); “O fato de discutir o bagulho é legal” (A6, 17 anos); “Ouvir as diferentes interpretações, foi muito enriquecedor” (A15, 18 anos); “A gente pensa que é história para criança, mas permite que a gente tenha um olhar nosso e a interpretação nossa sobre a história” (A17, 17 anos); “A fantasia faz parte da história” (A1, 16 anos); “Não vou contar histórias de contos de fada para meus filhos, porque não quero iludi-los” (A24, 19 anos).

Nesses depoimentos observa-se o núcleo de significação em que a imaginação é motivada pelas oportunidades. A possibilidade dos jovens explorarem o conteúdo das histórias, discutindo e expondo as opiniões vão ao encontro do pensamento de Vigotski de que “[...] a formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte.” (VIGOTSKI, 2012, p.73).

O segundo núcleo de significação, a imaginação e as emoções na organização do si mesmo, surge muito motivado pelo desejo de mudança e pela

esperança de conseguir ser o que realmente se é. Esse núcleo está muito relacionado ao momento de transição em que o adolescente vive conflitos e busca uma nova identidade. (BARONE; MARTINS; CASTANHO, 2011).

As rodas de histórias com diferentes tipos literários viabilizaram diversas discussões sobre temas variados, oportunizando aos adolescentes um espaço de reflexão onde puderam falar sobre as emoções.

Esperava-se certa indiferença por parte dos adolescentes por ser uma fase que demonstram muita crítica e certa resistência por coisas novas “em face das exigências do comportamento e das qualidades pessoais dos adultos e pelo nascimento de novos interesses”. (Leontiev, apud Vigotski, 1989, p. 62). Percebeu-se essa atitude na postura de um adolescente, como relatado em diário de campo: “um jovem mostrou-se indiferente durante toda a história, de braços cruzados, com postura de “marrento” como quem não estava gostando ou desconfiado, mas surpreendentemente foi o que primeiro falou”, como podemos observar: “As pessoas dão valor depois que perdem, aí reconhecem o verdadeiro valor de alguém, as pessoas falam sem saber o motivo de alguém ser como é” (A6, 17 anos); outra adolescente argumenta: “Às vezes, as pessoas não querem ajuda”, com tom de voz ríspido (A10, 17 anos); outro adolescente defende: “Mas tem que ajudar” (A23, 18 anos). Essa pequena discussão parece ser algo que iniciou em sala de aula e que a roda de conversa possibilitou aprofundar o diálogo entre os jovens.

A busca por novas histórias, contos, fábulas, entre outros, podem ajudar o leitor a conhecer novas oportunidades e possibilidades de lidar com questões de cunho emocional, desvelando tabus, mágoas, ressentimentos, enriquecendo o autoconhecimento e a sensibilidade para lidar com o outro. (ABATE, 2017, p. 6)

A afetividade e as emoções são aspectos muito presentes nessa fase de transição, “que segundo Vigotski, toda conduta humana é sustentada pela tendência afetivo-volitiva”, isto é, está relacionada à vontade e a afetividade Montezzi e Souza (2013, p. 83). Observa-se nas declarações: “Que pena que é o último encontro” (A18, 17 anos); “Eu imaginei que desta vez ela ia ceder, porque é difícil ver alguém sofrer” (A23, 18 anos); “Geralmente nas histórias a filha mais nova tem a inocência” (A25, 17 anos); “É triste, a velhinha morreu” (A3, 16 anos); “O monstro vai ficando melhor quando alimentado com carinho” (A6, 17 anos); “A estrela mais brilhante é alguém que morreu alguém que amamos” (A7, 16 anos).

As declarações dos adolescentes configuram o núcleo de significação a imaginação, as emoções e a reflexão na organização do si mesmo. Os adolescentes demonstram interesse por mudanças, são sensíveis às histórias que falam de futuro, de pessoas que tentam modificar algo pelo bem comum, parece que sentem certa motivação e entusiasmo, talvez por estarem também passando por grandes mudanças em suas vidas. (VIGOTSKI, 1989). Verifica-se nos depoimentos: “Ela (refere-se ao personagem da história) não fez para ela, não se preocupou com os resultados” (A6, 17 anos); “Igual à história da semana passada, da estrela verde, temos que fazer algo para mudar” (A7, 16 anos); “Achei bonitinha, ela teve uma ação importante, são os gestos que mudam as coisas” (A10, 17 anos); “Na associação trabalhamos para o futuro, hoje fazemos coisas que pode ser que não vejamos os resultados” (A19, 16 anos); “Não desistir nunca de melhorar o mundo, não ficar dentro da caixinha” (A25, 17 anos); “Você pode ser uma luz” (A2, 15 anos); “Você pode mudar o mundo” (A3, 16 anos); “Uma menina lembra o filme: A culpa é das estrelas” (A13, 18 anos); Outra lembra “a capa do livro do pequeno príncipe”. (A15, 18 anos); “A história fala sobre esperança, sobre estrelas, sobre ter esperança, sobre não perder a esperança, isso me chamou muito a atenção” (A17, 17 anos); “Ah que bonito; fiquei com dó da velhinha que morreu” (A24, 19 anos); “Fala de perseverança e sacrifício, ela fez algo que não era para ela”(A30, 17 anos); “Outro dia uma senhorinha caiu do meu lado e eu não fiz nada, fiquei em choque, mas outras pessoas ajudaram; depois me senti mal por não ter tido nenhuma reação” (A29, 17 anos); “Eu não lembrava sobre a luz verde da esperança no coração das pessoas, que lindo”(A28, 15 anos).

O processo de autodesenvolvimento e de auto-aceitação também aparece nos depoimentos, como se pode observar: “Uma menina questionou o fato de o rei perder as orelhas de burro após perdoar o barbeiro (fatos da história), faria mais sentido se fosse devido à aceitação do fato de ter essas orelhas” (A2, 15 anos). Essa colocação gerou uma discussão entre o grupo e, outro adolescente explicou que, “na verdade, acontecem as duas coisas, pois estão interligadas” e fala sobre sua própria história “[...] à medida que aceitei minha alergia que me mantinha dentro de casa, sem poder sair, ela foi embora. Eu aceitei a alergia e o rei aceitou as orelhas de burro” (A8, 19 anos); “Achei a história legal, porque ele pensou que era uma coisa e era outra, viu quem realmente era, acho que as pessoas, que se acham são muito vazias” (A10, 17 anos).

As paredes têm ouvidos, um segredo revelado pode ser triste para a pessoa, a confiança vem em primeiro lugar, auto-aceitação do rei, ele era merecedor, porque era bom, ele como rei poderia fazer o que quisesse, nós precisamos nos aceitar como somos e não ser aquilo que os outros querem que sejamos se é segredo tem que saber guardar. (A8, 19 anos)

O processo de aceitação de si mesmo está muito relacionado à percepção e observação de seu modo de ser e agir, respeitando suas limitações e possibilidades, num processo contínuo de desenvolvimento, sabendo que é um ser único, dentre muitos outros. As vivências individuais na relação com o outro e com o mundo, possibilita a construção da unicidade enquanto sujeito. (BARONE; MARTINS; CASTANHO, 2011).

A felicidade foi um conceito discutido no grupo, aspecto que estava relacionado a uma história em que o personagem principal viaja muitos dias em busca de um sonho, um tesouro. Esse tema mobilizou os adolescentes que argumentaram: “A felicidade pode estar ao seu lado, não precisa procurar longe. Você não precisa ser rico para ser feliz” (A10, 17 anos); outro adolescente diz “Ele devia ter levado o mendigo, foi egoísmo da parte dele”(A17, 17 anos); Esse argumento gera uma discussão no grupo, outro jovem rebate “Mas o morador de rua não iria acreditar”. (A2, 15 anos).

Outra história desperta novamente a discussão sobre felicidade, aspecto que parece estar presente na vida dos adolescentes mediante os comentários: “O rei não era feliz? Ele tinha tudo! O que é felicidade? (A6, 17 anos); “A felicidade está dentro de você e não na roupa que você veste, não vou ser hipócrita de dizer que não gosto de uma roupa nova, mas uma roupa não te faz mais feliz. Dinheiro não traz felicidade. Todas as histórias estão conectadas” (A17, 17 anos); “O rei estava doente, ele não estava feliz” (A22, 16 anos); “A psicologia é o estudo da alma” (A8, 19 anos), completou outro jovem. Pode-se supor que os comentários estão relacionados ao aspecto emocional, ao desenvolvimento psíquico dos jovens, parece que estavam associando a tristeza do rei a uma doença da alma.

A felicidade é um estado momentâneo, um processo de construção, assim, pode-se remeter a Vigotski quando fala do desenvolvimento humano “que não é algo linear e natural, mas sim um trabalho de construção do homem sobre o homem” (2009, p. 10). Dessa forma, pode-se dizer que os adolescentes estão falando da organização do si mesmo, em que as emoções e a imaginação propiciam reflexões sobre a “busca de uma nova identidade”. (BARONE; MARTINS; CASTANHO, 2011,

p. 168). O significado da palavra felicidade é inconstante, “modifica-se no processo do desenvolvimento e também sob diferentes modos de funcionamento do pensamento”, conclui Vigotski (2000, p. 408). Oliveira argumenta que “[...] o sentido, por sua vez, refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo”. (2003a, p. 50).

Os jovens relatam as suas experiências, principalmente afetivas, atribuindo à contação de histórias “as mudanças na forma de agir, de se comportar e de ver o mundo, aproximando-se mais das pessoas, do “ser” humano e das suas fragilidades”. (ABATE, 2017, p. 10).

É significativo observar o quanto os adolescentes percebem nas histórias questões relacionadas à própria vida, construindo um discurso coerente que está muito relacionado à “formação de conceitos, permitindo ao adolescente entrar em contato com sua realidade interna e suas próprias vivências”. (VIGOTSKI, 2012, p. 48). Os depoimentos que seguem fundamentam esse pensamento: “Gentileza gera gentileza” (A2, 15 anos); “Ah, depende da situação, às vezes tem que responder a altura, tem dia que sou boazinha, depende da situação” (A6, 17 anos); “Tudo que você joga no universo volta para você” (A10, 17 anos); “Costumo ser teimosa, tem horas que eu insisto, insisto, mas às vezes, não tem jeito, não consigo o que quero” (A13, 18 anos). “A gente tem que ter medo dos vivos, não dos mortos” (A25, 17 anos); “História muito boa, porque não foi uma história sem propósito, a honestidade do garoto foi importante, ele foi o único verdadeiro”(A10, 17 anos); “Eu já menti para minha chefe, porque não cumpri com uma tarefa, depois falei a verdade, é bem melhor” (A2, 15 anos).

Nossa minha avó quer saber de tudo, até a cor da calcinha (risos), ela diz que o namorado da minha irmã mexe com coisa errada e quando perguntamos como ela sabe disso, ela responde eu tenho minhas fontes, ela se intromete demais na vida dos outros. (A18, 17 anos)

É a fase que descobrem o amor. “A literatura é a forma de arte que prevalece nesse período de transição, em que as leituras de romance ganham destaque, constituindo-se um dos caminhos que o sujeito escolhe para expressar seus sentimentos”. (BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 260). Pode-se observar nas declarações: “Achei legal quando ele diz que o amor não vive sem confiança” (A17, 17 anos); “Afrodite é bonita tipo Juliana Paes, é como uma balada” (A6, 17 anos);

“Existem muitas histórias reais como esta (refere-se ao mito de Eros e Psique)” (A25, 17 anos); “Ela fez por amor” (A1, 16 anos); “Ela se manteve mulher do começo ao fim” (A3, 16 anos); “Ele já estava apaixonado desde o começo, dava para ver a forma com que falava dela” (A7, 16 anos); “Sentimento confuso não sabe se gosta ou não gosta” (A25, 17 anos); “Psique foi levada pelo sentimento” (A2, 18 anos);

A questão de gênero também foi discutida, assunto bastante polêmico no grupo, considerando os depoimentos: “Achei essa história um pouco machista, do início até o final, a mulher ser útil para ele, nada haver” (A9, 19 anos); “Achei mais vingativo do que machista” (A30, 17 anos); “Na cultura deles era assim, a mulher nascia e crescia cozinhando e fazendo tudo para o marido. Hoje em dia não, naquela época tudo bem, mas hoje nada haver, não cabe” (A22, 19 anos); “Ainda tem situações desse tipo hoje, e está bem perto de nós” (A17, 17 anos), nesse momento duas participantes baixaram a cabeça; “A mulher era melhor do que ele, querendo ou não ela era a Sherifa (nome da personagem)” (A13, 18 anos); “Eu entrei mulher e saí mulher (frase faz parte da história), essa frase fala da essência do feminino, não importa a roupa que ela usa, continua sendo mulher” (A25, 17 anos); “Foi o que ele admirou e o fez se apaixonar por ela” (A30, 17 anos); “Sem sentido expulsar todas as mulheres do reino, menos a mãe, por que ela não ia vê-la?” (A1, 16 anos); “Na minha casa não acontece isso, minha mãe procura tratar da mesma forma, eu e meu irmão, ambos tem que fazer as coisas em casa, não existe proteção, cada um é responsável por suas coisas” (A7, 16 anos).

As narrativas possibilitam ao ouvinte o desenvolvimento de seu mundo interior, é possível entrar em contato com lembranças e emoções pessoais, tendo uma nova compreensão das situações vividas, pois os contos carregam grande riqueza da humanidade que pode despertar a criatividade e a possibilidade de solucionar conflitos pessoais e coletivos. (ABATE, 2017, p. 7)

Pode-se concluir que a possibilidade de participar das rodas de contação de histórias mobiliza nos adolescentes sentimentos, emoções e sentido crítico em que o diálogo coletivo provoca o pensar, resgatando vivências e conceitos vividos. Desse modo, Meneghel e Iñiguez (2007, p. 1816) defendem que “[...] o contador de histórias é como o interlocutor que ajuda o ouvinte a reconstruir sua história, retomando experiências das quais foi espoliado, construindo uma identidade e uma memória coletiva”.

4.3 ANÁLISE DOS DESENHOS E SENTIMENTOS

No último encontro após a roda de contação de histórias, solicitou-se aos adolescentes que representassem por meio de desenho o projeto de contação de histórias e os sentimentos despertados.

A análise do desenho considera: o motivo desenhado e os sentimentos expressos em relação a ele, tendo sido agrupados por categorias tanto os desenhos como os sentimentos descritos pelos adolescentes. (KOZEL, 2007).

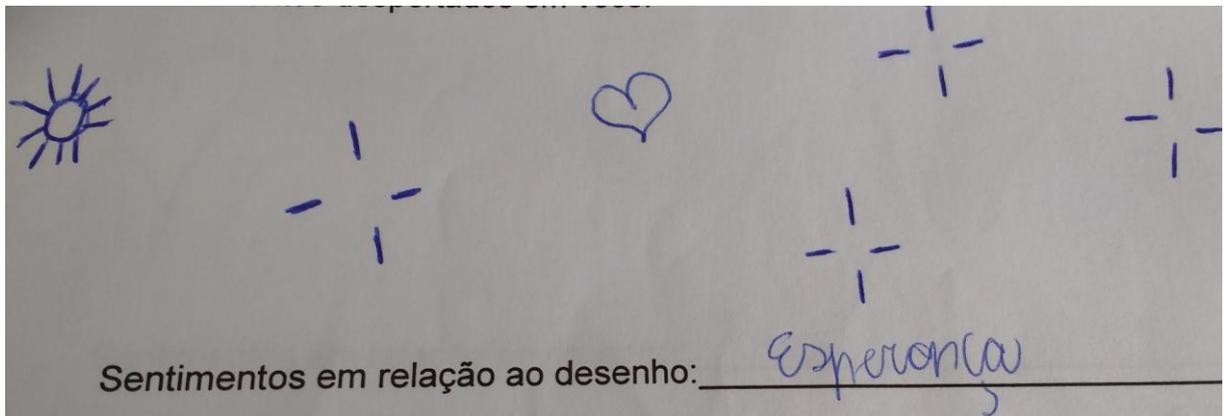
Acredita-se que as imagens são fruto do processo vivido, que como defende Vigotski "o ato criador não se refere à reprodução de experiências, mas à combinação de seus elementos, em que se cria o novo". (VIGOTSKI, apud BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 260).

[...] o processo de construção ou decodificação de uma imagem passa por diferentes filtros e linguagens, particulares de cada indivíduo, que estabelece seus códigos de acordo com sua visão de mundo. Discute o conceito de "espaço vivido" como sendo aquele impregnado de percepções, significados e complexidades [...]. (KOZEL, 2007, p. 37).

A representação por meio do desenho que os adolescentes mais utilizaram foi o "coração" (A1, A3, A5, A6, A9, A10, A11, A13, A19); depois o desenho que mais se destacou foi "pessoas pensando ou balão simbolizando o pensamento" (A1, A3, A6, A8, A12, A20, A23, A24); também tiveram jovens que desenharam um "sorriso" (A16, A17, A18, A19, A22). Houve o desenho de um jovem que chamou a atenção, como podemos observar: "Iceberg", a parte superior que fica fora da água ele escreveu "interesse que demonstrei", a parte abaixo da água, "conhecimento que vou carregar para a vida" (A7), esse desenho é muito representativo. Pode-se sugerir que o jovem trabalhou com a imaginação, utilizando a afetividade e a análise de conceitos, transformando em algo mais complexo, um aprendizado que leva para a vida, como podemos observar na literatura que se refere à arte: "a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma que supera o sentimento comum". (Vigotski, 2001, p. 307). Outro desenho que se destaca é o de uma árvore, não pelo desenho propriamente, mas pelas palavras pelas quais o autor representou os sentimentos, como podemos ver: "árvore da vida que as histórias mudam" (A4), mais uma vez observa-se o núcleo de significação em que a imaginação, as emoções e a reflexão agem na organização do si mesmo. Como descrito por Kozel

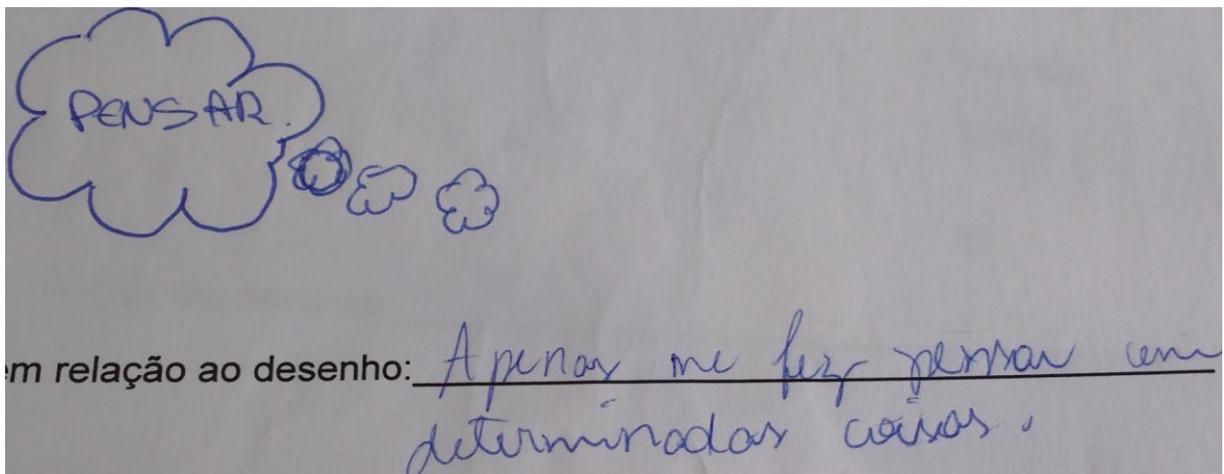
(2007, p. 39) “a simples análise dos ícones pode não apresentar a intencionalidade do sujeito”, é importante “aliar o desenho ao discurso da pessoa que o faz, seja por entrevista ou por questionários”. (KOZEL, 2007, p. 40).

FIGURA 14 – CORAÇÕES



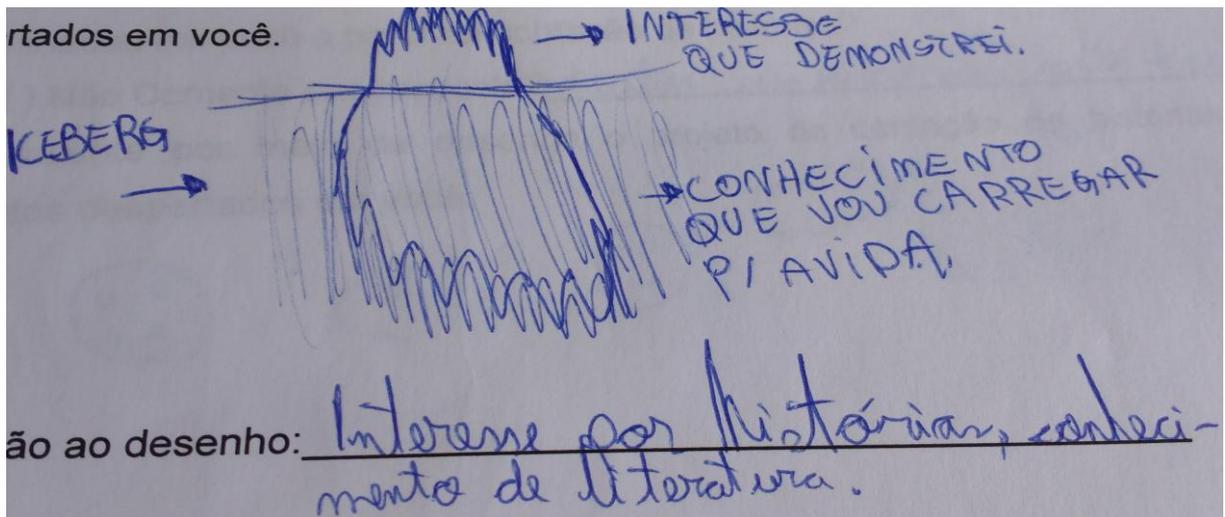
FONTE: A10 (2017)

FIGURA 15 – PENSAR



FONTE: A8 (2017)

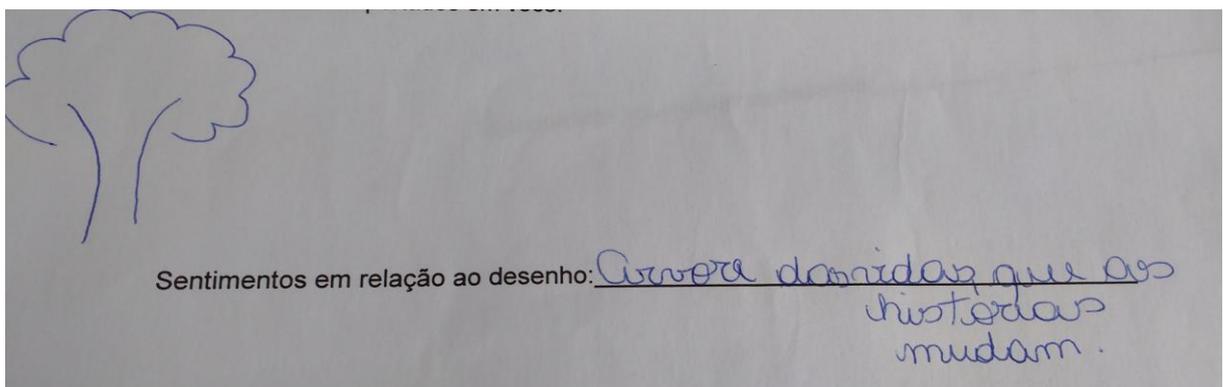
FIGURA 16 – ICEBERG



FONTE: A7 (2017)

Foram muitos os sentimentos relatados pelos adolescentes, tendo destaque a palavra “amor” (A1, A2, A5, A6, A9, A11, A13, A25, A27) e “alegria” (A2, A3, A5, A6, A13, A18, A22, A25, A27), pode-se dizer que diante desse resultado as rodas de contação de histórias têm a possibilidade de despertar aspectos da afetividade, proporcionando alegria e bem estar aos participantes. “É um tecer que se compõe com afetividade, entremeando as imagens das histórias lidas, as contadas, as ouvidas e as vividas” (ABATE, 2017, p. 14).

FIGURA 17 – ÁRVORE



FONTE: A4 (2017)

Outro sentimento presente em relação aos desenhos realizados pelos adolescentes foi à possibilidade de “pensar e refletir sobre a vida, ter novas ideias e a oportunidade de trabalhar com a imaginação” (A3, A4, A5, A6, A8, A20, A23, A24).

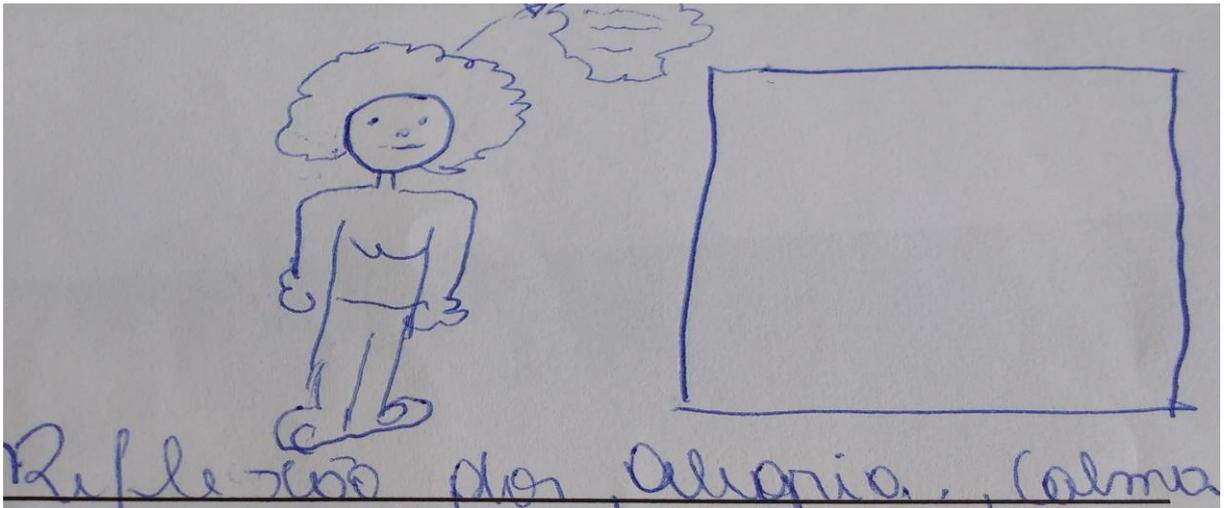
Observa-se que muitos adolescentes aproveitaram as imagens presentes nas

histórias para refletir sobre as suas vidas, tendo a possibilidade de dialogar e emitir suas opiniões, sendo um aspecto importante, pois “[...] a formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte”, defende Vigotski (1998, p.73).

Assim, observa-se que os adolescentes apreendem as vivências e fazem conexão com suas próprias histórias de vida, favorecendo a organização do si mesmo, em que as emoções e a imaginação propiciam reflexões sobre a “busca de uma nova identidade”. (BARONE; MARTINS; CASTANHO, 2011, p.168).

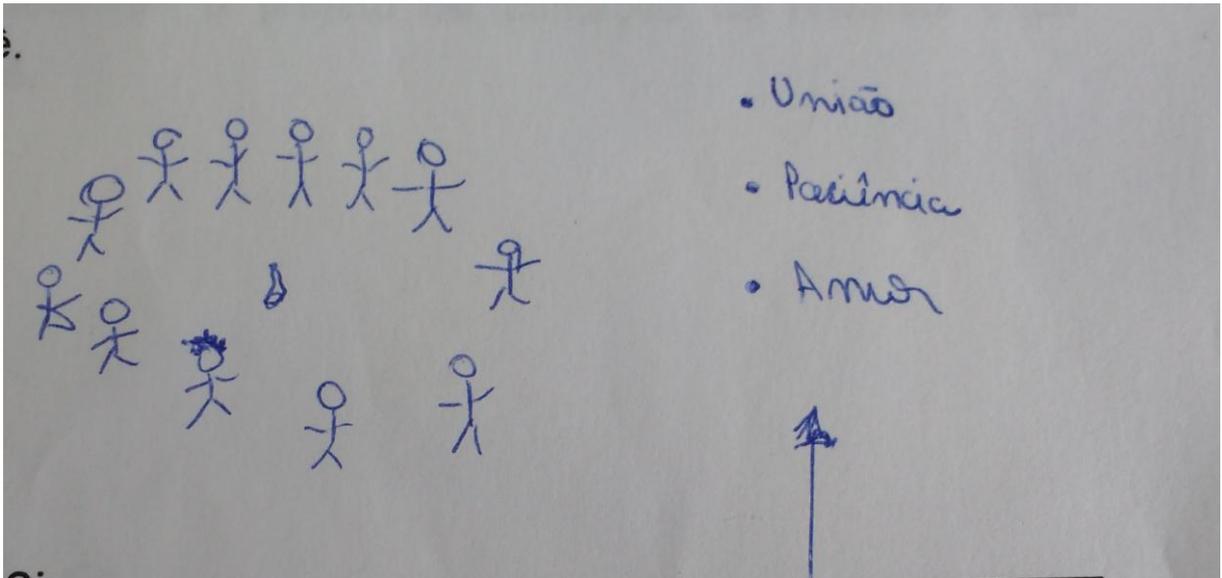
Oportunizar cultura, desencadear alegria, tristeza, esperança, entre outras experiências é uma forma de propiciar vivências afetivas a fim de criar forças para lidar com as situações da vida. É uma prática poética que busca harmonizar a afetividade e o cognitivo. (ABATE, 2017, p. 15).

FIGURA 18 - REFLEXÃO



FONTE: A3 (2017)

FIGURA 19 – RODA DE HISTÓRIAS



FONTE: A25 (2017)

Conclui-se que a análise dos desenhos associada aos sentimentos em relação a eles utiliza uma “linguagem dialógica em que a reflexão de signos revela uma construção social e cultural, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado”, argumenta Kozel (2007, p. 38 - 39), possibilitando o processo de evolução do indivíduo. (BARBOSA; SOUZA, 2015, p. 259).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo nos possibilitou compreender a percepção de adolescentes sobre a contação de histórias na adolescência, especialmente no sentido de ser inserida e aceita no contexto do ensino, auxiliando no desenvolvimento cognitivo e emocional.

A partir da análise de dados dos questionários, das rodas de conversa, do diário de bordo e dos grupos focais encontramos, na análise quantitativa e qualitativa, aspectos relevantes que configuram a aceitação das rodas de histórias na adolescência. Foi possível observar nos questionários um grande interesse dos adolescentes em participar das rodas, bem como a percepção de mudanças no modo de pensar e agir. Na parte qualitativa encontramos núcleos de significação que vão ao encontro do objetivo do estudo: a imaginação motivada pelas oportunidades e a imaginação, as emoções e a reflexão na organização do si mesmo. Nos desenhos e seus respectivos sentimentos observou-se que os adolescentes apreendem as vivências e fazem conexão com suas próprias vidas, favorecendo a organização do si mesmo, onde emoções e imaginação propiciam a reflexão e o desenvolvimento pessoal.

Observamos nos relatos o aprimoramento da imaginação favorecida pela grande riqueza emocional associada aos aspectos cognitivos que contribuem para o desenvolvimento da individualidade. A contação de histórias possibilitou a reflexão e a ampliação da análise crítica, objetivando mudanças na forma de agir, de se comportar e de ver o mundo.

Os dados demonstram que a roda de contação de histórias é um recurso aceito para o contexto do grupo estudado, faixa etária e gênero, como forma de ampliar o conhecimento literário, bem como é um ambiente social propício para o diálogo sobre diferentes questões que contribuem para modificar a maneira de pensar e atuar na vida.

Tais aspectos nos levam a pensar o quanto a contação de histórias está diretamente relacionada à afetividade e à transformação daqueles que a vivenciam. Contudo, essas reflexões são ainda um ensaio para estudos futuros por corte transversal ou estudos longitudinais com sujeitos de diferentes contextos culturais.

6. REFERÊNCIAS

ABATE, E.A.B. **Contaçon de histórias e desenvolvimento de adultos**. Curitiba: IC, 2017.

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

AGUIAR, W. M. J; OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos**. Brasília: Psicologia, Ciência e Profissão, 2006. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414. Acesso: 20/08/2017.

AMADO, J. **O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História. n. 14, p. 125-136. São Paulo: 1995. www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref...pid... Acesso: 02/08/2017.

AMORIM, S.; BILOTTA, F. A. **Jung e Saúde: Temas contemporâneos**. São Paulo: Paco Editorial, 2014.

ARIËS, P. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AZEVEDO, F. **Infância, memória e imaginário**. Ensaio sobre literatura infantil e juvenil. Portugal: CIFPEC, 2010. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11454/1/Livro_Memoria_Infancia_Imaginario.pdf. Acesso: 02.08.2017. Acesso: 14/10/2017.

BARBOSA, E. T. **Os sentidos do respeito na escola: uma análise da perspectiva da psicologia histórico-cultural**. Dissertação de Mestrado. PUC – Campinas: 2012. http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2013-02-07T064650Z-1771/Publico/Eveline%20Tonelotto%20Barbosa.pdf. Acesso: 12/10/2017.

BARBOSA, E. T.; SOUZA, V. L. T. **Sentidos do Respeito para Alunos: uma análise na perspectiva da psicologia histórico-cultural**. Brasília: Psicologia, Ciência e Profissão, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932015000200255&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 14/10/2017

BARONE, L. M. C.; MARTINS, L. C. B.; CASTANHO, M. I. S. **Psicopedagogia: teorias da aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BONAVENTURE, J. **O que conta o conto?** São Paulo: Paulinas, 1992.

BRASIL. **Manual da aprendizagem: o que é preciso saber para contratar o aprendiz**. 4. ed. Brasília: MTE, SIT, SPPE, ASCOM, 2009. Disponível em: http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/02/aprendizagem_pub_manual_aprendiz_.pdf. Acesso: 05/11/2017.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente:** lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRITO, S. G. de; VIDAL, M. M. G.; TAVARES, K. R.; VIEIRA, S. P. **Encantar:** Encontro de Bibliotecas, Leitura e Contação de Histórias. Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf. v.12, n.3, p.157-170. Campinas, SP: 2014. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>. Acesso: 27/02/2017.

CAMPBELL, J. **O poder do mito:** Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHESINI, I. M. N.; CRESTANI, A. H.; SOUZA, A. P. **Narratividade do professor:** mediação e linguagem na sala de aula. Rev. CEFAC. São Paulo: 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2013nahead/232-11.pdf>. Acesso: 20/02/2017.

COSTA, N. P., POLARO, S. H. I., VAHL, E. A. C., GONÇALVES, L. H. T. **Storytelling:** a care technology in continuing education for active ageing. Revista Brasileira de Enfermagem [Internet]. 2016; 69(6): 1068-75. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0390>. Acesso: 04/08/2017.

EURITMIA in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/euritmia>. Acesso: 14/11/2017.

FERREIRA, A. B. H. **Pequeno dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALLATIN, J. **Adolescência e Individualidade.** São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

GÓES, M. C. R., CRUZ, M. N. **Sentido, significado e conceito:** Notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. Pro-Posições, 17(2), 31-45. Campinas: UNICAMP, 2006. Disponível em: www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2365/50_dossie_goes_mcr_etal.pdf. Acesso: 01/11/2017.

HOLANDA, A. B. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KOZEL, S. **Mapas mentais** - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. [et al] (orgs.). Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. Curitiba: NEER, 2007. Disponível em: www.revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/5333/4394. Acesso: 02/11/2017.

MAINARDES, R. C. M. **A arte de contar histórias:** uma estratégia para a formação de leitores. Dia a dia educação, 2008. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf. Acesso: 23/06/2017.

MENEGHEL, S. N.; IÑIGUEZ, L. **Contadores de histórias: práticas discursivas e violência de gênero.** Caderno de Saúde Pública, vol. 23, n.8. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n8/08.pdf>. Acesso: 25/02/2017.

MENEGHEL, S. N. **Contadores de histórias: uma experiência em educação e saúde.** Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/132017>. Acesso: 28/01/2017.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO; Secretaria de Inspeção do Trabalho; Secretaria de Políticas Públicas de Emprego. **Manual da aprendizagem: o que é preciso saber para contratar o aprendiz.** 7. ed. rev. e ampliada. Brasília: Assessoria de Comunicação do MTE, 2011. Disponível em: http://www.al.senac.br/files/ArquivosPublicados/20150619184100_manualdeaprendizagem_mte_pdf.pdf. Acesso: 12/09/2017.

MITO in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-11-14 12:39:04]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mito>. Acesso: 08/11/2017.

MONTEZI, A. V.; SOUZA, V. T. **Era uma vez um sexto ano: estudando imaginação adolescente no contexto escolar.** Rev. Sem. da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, vol. 17, n. 1. São Paulo: 2013. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a08v17n1. Acesso: 20/04/2017.

OLIVEIRA, H. M., Hanke, B. C. **Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise.** v. XX, n. 2. Rio de Janeiro: Ágora, 2017. Disponível em: www.scielo.br/pdf/agora/v20n2/1809-4414-agora-20-02-00295.pdf. Acesso: 15/08/2017.

OLIVEIRA, M. K. **O problema da afetividade em Vigotski.** São Paulo: Summus Editorial, 1992.

Oliveira, M. K. **Vigotski: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS/WHO. Disponível em: <http://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>. Acesso: 10/10/2017.

PASSERINI, S. P. **O fio de Ariadne: um caminho para a narração de histórias.** São Paulo: Antroposófica, 2004.

PASTORELLO, M. C.; ANGELO, A. A.; TORRES, S. P. **A importância da contação de histórias para o processo de alfabetização e na formação de leitores.** Minas Gerais: Revista Mediação, 2015. Disponível em: http://www.revistamediacao.com.br/repositorio/volume_06/a. Acesso: 17/01/2017.

PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento.** São Paulo: Harbra, 2005.

QUEIROZ, N. L.; MACIEL, D. A. **Contribuições da contação de histórias infantis e a formação de crianças leitoras**. São Leopoldo: Educação Unisinos, 2014. Disponível: revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2014.181.03. Acesso: 20/02/2017.

RIBEIRO, M. F. A. R. **Práticas narrativas e perfis de contadores de histórias**. Tese de Mestrado. Portugal: Universidade do Minho, 2013. Disponível em: repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/25989. Acesso em 05/01/2017.

SCHERER, A. P. R. **Pais contadores de histórias, filhos futuros leitores**. v. 37 n. 62, p. 299-315. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2012. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso: 15/02/2017.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea**. Belo Horizonte: Psicologia em Revista, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso: 02/11/2017.

SILVA, Q. S.; SILVA, R. S. **Literatura infantil: uma alternativa para dialogar sobre sexo e gênero com crianças nas escolas**. Santa Cruz do Sul: 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14726/3560>. Acesso: 08/11/2017.

SMITH, V. H.; SPERB, T. M. **A construção do sujeito narrador: pensamento discursivo na etapa personalista**. vol.12, n.3. Maringá: Psicologia em estudo, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300012. Acesso: 02/08/2017.

SOSA, J. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SOUZA, V. L. T.; ANDRADA, P. C. **Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo**. Campinas: Estudos de Psicologia, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n3/v30n3a05.pdf>. Acesso: 22/09/2017

VIGOTSKI, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: USP, 1988.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **A imaginação e a arte na infância**. Ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Madrid: Machdo Grupo de Distribución, 2012.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO INICIAL

1) Qual sua idade? _____

2) Qual sua escolaridade? _____

3) Você já teve oportunidade de participar de uma roda de contação de histórias?

Sim Não Não lembro

Caso tenha participado qual idade você tinha mais ou menos? _____

4) Você gosta de ouvir história?

Gosto Gosto um pouco Não gosto

Que expectativas você têm com relação às rodas de contação de histórias?

5) Você se interessa por histórias?

Sim Não Um pouco Comente sua resposta _____

6) Tem o hábito de ler?

Sim Não

Em que momentos você lê? _____

7) Como se sente quando lê ou ouve uma história?

8) Você lê?

Somente quando a escola ou alguém solicita

Costuma escolher livros para leitura por prazer

Comente sua resposta _____

9) Que tipos de histórias você prefere?

Conto de fadas Mitos Fábulas Contos modernos Causos Terror

Folclore suspense investigação outros Quais? _____

10) Selecione os autores já lidos por você. Só marque com um X se realmente lembra ter lido um dos autores abaixo.

Fernando Pessoa Machado de Assis Clarisse Lispector Monteiro Lobato

Miguel Cervantes Camões Goethe Oscar Wilde Irmãos Grimm

Há autor ou autores que não constam na relação e que você já tenha lido:

11) Você acha que ouvir histórias ou ler te ajudam a pensar sobre si mesmo?

Sim Não Nunca pensei nisso

Comente sua resposta _____

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO FINAL

1) Qual sua idade?

2) Qual sua escolaridade?

3) Como foi participar das rodas de contação de histórias?

() Bom () Ruim () Indiferente Comente sua resposta _____

4) Como foi sua experiência em participar das rodas de contação de histórias?

() Boa () Ruim () Indiferente

Cite três sentimentos que surgiram: _____

5) As rodas de contação ampliaram seu conhecimento sobre literatura?

() Nada () Um pouco () Muito

Despertou algum interesse? _____

6) Participar das rodas de contação de histórias foi para você?

() Um prazer () Uma obrigação

Comente sua resposta. _____

7) Que tipos de histórias você mais gostou?

() Conto de fadas () Mitos () Fábulas () Contos modernos () Terror

() Folclore () causos () suspense () investigação () outros

Por quê? _____

8) Ouvir histórias te ajudou a pensar sobre si mesmo?

() Sim () Não () Nunca pensei nisso

De que forma? _____

9) Você gostaria de participar de outras rodas de história?

() Sim () Não

Comente sua resposta? _____

10) Você recomendaria para seus amigos participarem de rodas de histórias?

() sim () Não Por quê? _____

11) Algo mudou em você a partir da contação de histórias?

() Sim () Não Comente sua resposta? _____

12) Represente por meio de desenho o projeto de contação de histórias e os sentimentos despertados em você.

Sentimentos em relação ao desenho: _____

APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Prof^a Dr^a Tania Stoltz e Elizabete Aparecida Bragatto, pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você menor aprendiz da Elo Apoio Social e Ambiental a participar de um estudo intitulado “Contação de histórias para adolescentes?”. Este estudo pode possibilitar avanços importantes nas pesquisas sobre a narrativa oral para jovens e a Educação.

Para este estudo, a **adolescência** é entendida como uma fase de transição, com características singulares, sendo um fenômeno social; **contação de histórias** como caminho possível para a ampliação de conhecimento e consciência do adolescente, sendo uma forma de lidar com as vivências inconscientes, bem como com conceitos e questionamentos que fazem parte da realidade objetiva, desenvolvendo o seu pensar, sentir e agir; a **literatura** tem um efeito libertador, possibilita uma nova visão de mundo, aquisição de conhecimentos e desenvolvimento do senso crítico.

O objetivo desta pesquisa é investigar a percepção de adolescentes sobre a contação de histórias no desenvolvimento na adolescência.

- a) Caso você participe da pesquisa, será necessário responder a dois questionários com questões referentes ao conhecimento prévio sobre contação de histórias, literatura, sentimentos que possui e os despertados após a participação nas rodas de contação de histórias, percepção de si mesmo/a quanto ao desenvolvimento emocional e cognitivo. Também, caso autorize, serão realizadas observações sobre seu comportamento e argumentos expostos durante as rodas de contação de histórias.
- b) Para tanto o adolescente deverá comparecer no endereço previamente agendado em data e horário que será combinado com a Pedagoga da Elo Apoio Social e Ambiental a que você está vinculado/a. As rodas de contação de histórias terão duração máxima de uma hora. O local para as rodas será organizado para ser tranquilo, sem ruídos ou interferências, num espaço que ofereça conforto, segurança e privacidade.
- c) É possível que você, durante ou após as rodas de contação de histórias experimente algum desconforto como vergonha, tristeza ou raiva. O tipo de risco mais provável é a possibilidade de exposição de informações pessoais como situações familiares, exposição de sentimentos e/ou incompreensão por parte do grupo com relação às suas opiniões e/ou observações. Se isso acontecer, poderá solicitar imediatamente à pesquisadora a sua saída da sala e/ou da pesquisa.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica] Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica] Orientador [rubrica]

- d) A pedagoga ou qualquer funcionária/o autorizada/o pela Elo Apoio Social e Ambiental acompanhará as rodas de contação de histórias.
- e) No momento das rodas de contação de histórias você poderá responder às perguntas da forma que achar melhor, bem como os questionários a que será submetido. As perguntas estão relacionadas com o conhecimento prévio sobre literatura, participação em contação de histórias, autopercepção e sentimentos relacionados à sua participação na atividade, dentre outros.
- f) Os benefícios esperados com esta pesquisa são:
- 1) De forma indireta, contribuir para a ampliação de novos conhecimentos da literatura disponível, auxiliando no trabalho desenvolvido pela Elo Apoio Social e Ambiental com os adolescentes, concentrando-se na realização das rodas de contação de histórias, primando pela qualidade e respeito.
 - 2) Conhecer o repertório do adolescente com relação a literatura, seus interesses com relação às histórias e aspectos afetivos decorrentes da sua faixa etária. Com o conhecimento construído com a pesquisa auxiliar no aprimoramento do trabalho e a formulação de novas oficinas, podendo ampliar a demanda para novas entidades a fim de possibilitar o desenvolvimento e o interesse dos jovens pela leitura e contação de histórias.
- g) Eu, Tania Stoltz, pesquisadora em Educação, Professora da Universidade Federal do Paraná e Elizabete Aparecida Bragatto, estudante e pesquisadora vinculada ao Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná serão as responsáveis pela pesquisa e demais informações. Poderemos esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter todas as quartas feiras, das 14 horas às 17 horas pelos telefones (41)- 999326200 e 991967353 (pesquisadoras), 3360-5117 (PPGE) ou nos demais dias pelos e-mails: tania.stoltz795@gmail.com, elizabeteabate@gmail.com, as informações que queiram, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. As pesquisadoras podem ainda, serem encontradas na Universidade Federal do Paraná, no Setor de Educação, na Rua General Carneiro, 460, Ed. D. Pedro I, 4º Piso, na sala 406, às quartas feiras, das 14 às 17h.
- h) A sua participação neste estudo é voluntária e se não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento sem qualquer penalidade. Assim sendo, poderá solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- i) As informações relacionadas ao estudo serão utilizadas exclusivamente na pesquisa. Poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, neste caso as pesquisadoras do estudo. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida a confidencialidade. Os questionários e observações serão objetivos, respeitando-se completamente o seu anonimato.

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal (rubrica) Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica] Orientador [rubrica]

- j) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação não receberá qualquer valor em dinheiro.
- l) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome e demais pessoas mencionadas, e sim, um código.
- m) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

Eu, _____ li esse termo de consentimento acima ou alguém leu para mim e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão afete a minha pessoa. Eu entendi e fui informada(o) que se sentir algum tipo de desconforto durante e ou após as rodas de histórias, contarei com a presença da pedagoga ou funcionária/o da Elo Apoio Social e Ambiental. Fui informada(o) e entendi que a minha participação na pesquisa não acarretará em nenhum momento qualquer custo para mim e/ou minha família. Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ____/____/____

Participante da Pesquisa

Testemunha

Pesquisadora

Participante da Pesquisa e/ou Responsável Legal [rubrica]
Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE [rubrica]
Orientador [rubrica]

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da UFPR | CEP/SD
Rua Padre Camargo, 285 | térreo | Alto da Glória | Curitiba/PR | CEP 80060-240 |
cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 3360-7259

ANEXO 1 - POEMA

O resplendor da beleza do mundo
Força-me a liberar,
Do fundo da alma
As forças da minha própria vida,
Para o vôo do mundo.
E a me buscar, apenas confiante,
Na luz e no calor do mundo”

Rudolf Steiner

ANEXO 2 - HISTÓRIAS CONTADAS

A árvore dos sapatos

A camisa do homem feliz

A estrelinha verde

A estrelinha verde que ficou

A menina e o anjo

A menina e o cemitério

A mensagem dos pássaros

A moça tecelã

A princesa e o sapo

A semente da verdade

As vizinhas

Bolsa, bolsinha, bolsona

Eros e Psique

Nem tudo que o mestre mandar

O boneco de piche

O emissário do céu

O menino que contava estrelas

O mestre Chang

O príncipe Dhat

O príncipe serpente

O Rei Hamed Bin Batara e a princesa destemida

O rei que tinha orelhas de burro

O sonho de Ismar

Pingo d' água

Plantando sementes pela vida
